

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**NATIELLI SANTOS FRANZON**

**POBREZA RURAL NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO SOBRE A  
MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN**

**Porto Alegre  
2014**

**NATIELLI SANTOS FRANZON**

**POBREZA RURAL NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO SOBRE A  
MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Dabdab Waquil

**Porto Alegre  
2014**

**NATIELLI SANTOS FRANZON**

**POBREZA RURAL NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO SOBRE A  
MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovada em: Porto Alegre, 2 de julho de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Paulo Dabdab Waquil – Orientador  
UFRGS

---

Prof. Dr. Eduardo Ernesto Filippi  
UFRGS

---

Prof. Dr. Marcelo Antonio Conterato  
UFRGS

## AGRADECIMENTOS

*“Por isso não tema, pois estou com você; não tenha medo, pois sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei; Eu o segurarei com a minha mão direita vitoriosa.”*

Isaías 41:10

A Deus, por ter me dado ânimo nos momentos de cansaço e sabedoria para que a realização desse trabalho fosse possível.

À minha mãe amada, por ser exemplo na minha vida, pela extrema compreensão, por sempre ter acreditado que eu seria capaz e por, em todo tempo, me incentivar a ir sempre além. Mãe, essa vitória é nossa!

Ao meu irmão querido que, mesmo jovem, soube respeitar esse momento, fazendo silêncio quando eu estava escrevendo.

À minha nona amada e minha família, por servir de inspiração para a elaboração desse trabalho.

Ao meu orientador, pela extrema dedicação e disponibilidade. Foste de suma importância para que meu sonho de escrever sobre a região onde nasci se concretizasse!

Às minhas amigas queridas, por terem compreendido minha ausência durante boa parte do semestre e pelas palavras de incentivo que me traziam renovo.

Aos meus colegas de faculdade, pelas inúmeras risadas e momentos de felicidade durante essa longa jornada que finalmente chegou ao fim.

Aos meus colegas de trabalho, por terem sido mais que compreensivos durante esse semestre.

Enfim, muito obrigada a todos, pois vocês foram fundamentais nessa conquista!

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é averiguar a ocorrência de pobreza rural na microrregião de Frederico Westphalen. Para que isso seja possível, analisa-se as abordagens unidimensionais e multidimensionais acerca da pobreza, bem como alguns dos indicadores utilizados para mensurá-la. Além disso, faz-se a caracterização da microrregião, desde o início de sua ocupação até os dias atuais. Por fim, analisa-se alguns dos dados obtidos pelo IBGE para o Censo Demográfico de 2010 e também alguns dos dados disponibilizados pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, no que se refere à renda, saúde, educação e infraestrutura.

**Palavras-chave:** Pobreza rural. Abordagem unidimensional. Abordagem multidimensional.

## **ABSTRACT**

The aim of this study is to verify the occurrence of rural poverty in the microregion of Frederico Westphalen. To achieve this purpose, it analyzes the one-dimensional and multidimensional approaches about poverty, as well as some indicators used to measure poverty. In addition, the characterization of the microregion is made since the beginning of its occupation until the present day. Finally, it analyzes some data obtained by IBGE through the Censo Demográfico of 2010 and also some data provided by Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, regarding income, health, education and infrastructure.

**Keywords:** Rural poverty. One-dimensional approach. Multidimensional approach.

## LISTA DE TABELAS

|           |   |    |
|-----------|---|----|
| Tabela 1  | – População por situação do domicílio – microrregião de Frederico Westphalen – 2010.....  | 26 |
| Tabela 2  | – Valor Adicionado Bruto – microrregião de Frederico Westphalen – 2011.....   | 27 |
| Tabela 3  | – Renda <i>per capita</i> (em R\$), segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen – 2000 e 2010.....  | 33 |
| Tabela 4  | – Índice de Gini, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen – 2000 e 2010.....  | 34 |
| Tabela 5  | – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento nominal mensal, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen – 2010.....                                | 36 |
| Tabela 6  | – Taxa de mortalidade infantil, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen – 2010.....   | 38 |
| Tabela 7  | – Taxa de alfabetização (em %) das pessoas de 5 anos ou mais de idade, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen – 2010.....  | 39 |
| Tabela 8  | – Domicílios particulares permanentes, por forma de abastecimento de água, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen – 2010.....                                      | 41 |
| Tabela 9  | – Domicílios particulares permanentes, por existência de energia elétrica, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen – 2010.....                                      | 42 |
| Tabela 10 | – Domicílios particulares permanentes, por existência de banheiro ou sanitário e tipo de esgotamento sanitário, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen – 2010..... | 43 |
| Tabela 11 | – Domicílios particulares permanentes, por forma de destino do lixo, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen – 2010.....  | 44 |
| Tabela 12 | – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen – 2000 e 2010.....  | 46 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|       |  |
|-------|--|
| FGT   | – Foster, Greer e Thorbecke                                |
| FJP   | – Fundação João Pinheiro                                   |
| IDG   | – Índice de Desigualdade de Gênero                         |
| IDHAD | – Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado à Desigualdade |
| IDHM  | – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal               |
| IPEA  | – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada                 |
| IPH   | – Índice de Pobreza Humana                                 |
| IPM   | – Índice de Pobreza Multidimensional                       |
| PIB   | – Produto Interno Bruto                                    |
| PNUD  | – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento        |
| PQLI  | – <i>Physical Quality of Life Index</i>                    |
| RDH   | – Relatório de Desenvolvimento Humano                      |
| VAB   | – Valor Adicionado Bruto                                   |

## SUMÁRIO

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>2</b> | <b>POBREZA E SUAS DIVERSAS ABORDAGENS.....</b>  | <b>11</b> |
| 2.1      | A POBREZA SOB DIVERSAS ÓTICAS.....  | 11        |
| 2.2      | A POBREZA SOB A ÓTICA MULTIDIMENSIONAL DE AMARTYA SEN.....  | 16        |
| <b>3</b> | <b>EVOLUÇÃO HISTÓRICA E ECONÔMICA DA MICRORREGIÃO DE<br/>FREDERICO WESTPHALEN.....</b>  | <b>21</b> |
| 3.1      | A METADE SUL, A METADE NORTE E O NORDESTE GAÚCHO.....   | 21        |
| 3.2      | A MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN.....   | 24        |
| <b>4</b> | <b>A POBREZA NA MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN<br/>ATRAVÉS DE INDICADORES UNIDIMENSIONAIS E<br/>MULTIDIMENSIONAIS.....</b>  | <b>31</b> |
| 4.1      | INDICADORES UNIDIMENSIONAIS.....  | 31        |
| 4.2      | INDICADORES MULTIDIMENSIONAIS.....  | 37        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>48</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>50</b> |
|          | <b>APÊNDICE A – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento nominal<br/>mensal, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen – 2010.....</b>                | <b>52</b> |
|          | <b>APÊNDICE B – Taxa de alfabetização (em %) das pessoas de 5 anos ou mais de idade,<br/>por grupos de idade, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen –<br/>2010.....</b> | <b>53</b> |
|          | <b>APÊNDICE C - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, segundo os municípios<br/>da microrregião de Frederico Westphalen – 2000 e 2010.....</b>  | <b>54</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Tanto *policy makers* quanto pesquisadores reconhecem que a pobreza é um fenômeno complexo e multifacetado e que sua mensuração vai além da renda. Apesar disso, muitas políticas públicas direcionam os esforços para combater esse fenômeno por meio de programas de transferência de renda. Sabe-se que é através da renda que os indivíduos obtêm bens e serviços necessários à sua sobrevivência, porém mensurar a pobreza única e exclusivamente com base nessa dimensão é um grave erro.

Durante muito tempo, e ainda hoje hegemonicamente, a discussão sobre pobreza está centrada na discussão sobre a possibilidade de acesso a uma renda maior. Entretanto, o que se percebe é que muitos outros aspectos estão envolvidos e reduzir a pobreza à ideia de falta de renda é uma simplificação que não nos ajuda na compreensão dessa complexa situação (KÜHN *et al.*, 2006).

Não que a renda não seja relevante na mensuração da pobreza, mas deve-se deixar claro que ela não é a única variável a ser considerada e sim uma das muitas variáveis que devem ser utilizadas para que o perfil da pobreza seja traçado. Além da renda, é necessário analisar, também, as condições de saúde, educação, mobilidade, entre outros aspectos que fazem com que a qualidade de vida dos indivíduos seja melhor ou pior. Levando em consideração, é claro, as características da sociedade na qual ele está inserido.

A partir das constatações acima surgiu a vontade de se analisar a existência de pobreza no Rio Grande do Sul a partir desses diferentes enfoques. Como o estado possui uma vasta área rural e tem na agricultura uma das principais atividades produtivas, mostrou-se um trabalho relevante mensurar a pobreza no meio rural. Para isso, optou-se por analisar a microrregião de Frederico Westphalen, que está localizada em uma das regiões com maior índice de pobreza do estado, que é a região norte, e que possui um expressivo contingente populacional vivendo na zona rural.

Sendo assim, os objetivos desse trabalho são expor as diversas abordagens utilizadas para mensurar a pobreza, mostrar a evolução da microrregião de Frederico Westphalen desde o início de sua ocupação até os dias de hoje e, através de indicadores unidimensionais e multidimensionais, verificar a existência de pobreza rural na microrregião. Para que os objetivos sejam expostos de forma clara e operacionalizável, optou-se por dividir esse trabalho em três capítulos, além dessa introdução e das considerações finais.

O segundo capítulo é composto por uma revisão teórica acerca das diversas abordagens utilizadas para mensurar e definir o que é pobreza. Para isso, parte-se da ótica

monetária, ou unidimensional, que considera a renda como variável principal na mensuração desse fenômeno, discute-se os conceitos referentes à pobreza absoluta, pobreza relativa, linhas de pobreza e de indigência e descreve-se alguns dos indicadores utilizados para medir a pobreza bem como a abordagem das necessidades básicas. Além disso, em contrapartida a essas abordagens, apresenta-se a Abordagem das Capacitações, elaborada por Amartya Sen e considerada multidimensional, pois tenta mensurar a pobreza através de aspectos qualitativos, tendo como foco principal aquilo que os indivíduos são capazes de ser e fazer de acordo com o que acham melhor para si.

O terceiro capítulo mostra a evolução histórico-econômica e a caracterização atual da microrregião de Frederico Westphalen. Para isso, descreve-se como a microrregião, que está inserida na metade norte do estado, foi colonizada por imigrantes oriundos principalmente da Alemanha e da Itália, tendo como característica principal a pequena propriedade de agricultura familiar, diferentemente da metade sul do estado. Além disso, nesse mesmo capítulo, são expostas as diferentes fases pela qual a agricultura familiar passou desde o início da colonização, o que culminou na alteração da estrutura produtiva da região.

O quarto capítulo é composto por diversos dados disponibilizados pelo Censo Demográfico de 2010 e pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, para os anos de 2000 e 2010, a fim de analisar os indícios de pobreza na microrregião. Cada dado apresentado é tabelado segundo os municípios da microrregião, de forma que a heterogeneidade dos municípios seja elucidada e a análise entre eles se torne possível. Além disso, ao final de cada tabela encontram-se os valores dos indicadores obtidos pela microrregião, às vezes em média e às vezes total, e pelo estado a fim de comparar os dados obtidos pela microrregião e seus municípios com os dados obtidos pelo estado como um todo. Os dados utilizados referem-se à educação, saúde, moradia, renda e infraestrutura, de forma que a quantificação dos conceitos expostos no segundo capítulo seja possível.

## 2 POBREZA E SUAS DIVERSAS ABORDAGENS

A noção de que altas taxas de crescimento econômico *per se* conseqüentemente geram a diminuição da pobreza, há muito já foi refutada. Apesar disso, ainda hoje, existem muitos estudos que utilizam a abordagem monetária, ou seja, a renda, como instrumento principal para medir os diferentes níveis de pobreza dos países e dos indivíduos.

Em oposição a esses estudos, surgiram outras abordagens que defendem o caráter multidimensional da pobreza e que por isso entendem que medir a pobreza unicamente através da dimensão da renda normalmente gera resultados distorcidos. São essas diferentes abordagens, unidimensionais e multidimensionais, que serão averiguadas nas seções desse capítulo.

### 2.1 A POBREZA SOB DIVERSAS ÓTICAS

A pobreza pode ser descrita como “um fenômeno complexo, podendo ser definido de forma genérica como a situação na qual as necessidades não são atendidas de forma adequada” (ROCHA, 2006, p. 9). Essas necessidades podem estar relacionadas tanto à falta de renda, o que impossibilita o indivíduo de adquirir bens de consumo considerados básicos (alimentação e vestuário, por exemplo), quanto à falta de acesso a serviços considerados essenciais para uma vida digna, como educação, água potável, luz, habitação, saúde, tratamento de esgoto, transporte público, entre outros.

Devido ao caráter complexo da pobreza, os estudos acerca desse tema utilizam diferentes abordagens para tentar mensurá-la. Por isso, primeiramente, cabe diferenciar os conceitos de pobreza absoluta e relativa.

A ideia de pobreza absoluta está ligada à falta de atendimento das necessidades fisiológicas mínimas para que o indivíduo consiga sobreviver (ROCHA, 2006, p. 11). Ainda acerca dessa questão, Carlos Augusto Monteiro descreve as pessoas em estado de pobreza absoluta como aquelas “que não dispõem dos meios básicos para o exercício das capacidades mais elementares dos seres humanos, como sobreviver, crescer, resistir às doenças, trabalhar, conviver em sociedade” (MONTEIRO, 1991<sup>1</sup>, p.1 *apud* MARTINS; WINCK JUNIOR, 2013, p. 5).

---

<sup>1</sup> MONTEIRO, Carlos. **O mapa da pobreza no Brasil**. Brasília: Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, 1991, 15 p. (Texto para Discussão 1).

Já Oliveira, Buainain e Neder (2012, p. 241) adicionam os domicílios à noção de pobreza absoluta:

[...] segundo a visão da pobreza absoluta, são pobres as pessoas e domicílios que não conseguem suprir uma cesta de consumo considerada básica pela sociedade, que inclui tanto as necessidades alimentares como as de moradia, vestimentas e locomoção.

A pobreza relativa está ligada ao não atendimento das necessidades do indivíduo consideradas mínimas de acordo com a sociedade onde ele vive (ROCHA, 2006, p. 11). Sendo assim, em sociedades onde as necessidades básicas já são garantidas, são considerados pobres aqueles que se encontram abaixo do padrão econômico-social médio da sociedade em questão, ou seja, que possuem um padrão de consumo relativamente inferior aos demais indivíduos (MARTINS; WINCK JUNIOR, 2013, p. 5).

Nessa mesma linha, Oliveira, Buainain e Neder (2012, p. 241) complementam que “são pobres as pessoas e domicílios que, independente de poderem suprir as necessidades básicas, tem nível de bem-estar expresso pela renda significativamente inferior ao nível médio da sociedade.”. Ou seja, a pobreza relativa está mais ligada a questões de desigualdade social do que pela falta de atendimento às necessidades básicas dos indivíduos.

Apesar de se tratar de um fenômeno complexo, grande parte dos estudos acerca da pobreza utiliza abordagens unidimensionais numa tentativa de simplificar a mensuração desse grave problema que, mesmo em diferentes escalas, atinge tanto países desenvolvidos quanto países em desenvolvimento.

Uma das abordagens unidimensionais mais utilizadas no meio acadêmico se baseia na renda como variável principal para definir se um indivíduo é pobre ou não. Para estabelecer um valor de renda mínimo, utilizam-se as chamadas linha de indigência e linha de pobreza.

Quando se trata essencialmente de necessidades alimentares, denominamos esse valor como linha de indigência ou de pobreza extrema. Quando se leva em conta também outras necessidades, denominamos linha de pobreza. Sendo assim, por indigentes entendem-se aqueles que não possuem renda suficiente para atender suas necessidades no que dizem respeito à alimentação e por pobres aqueles que possuem rendimento abaixo da linha de pobreza e que, conseqüentemente, não conseguem adquirir a cesta de consumo considerada mínima em dada sociedade (ROCHA, 2006, p. 12-13).

Mattos e Waquil (2008, p. 618) levantam a questão de as linhas de pobreza poderem ser elaboradas a partir de diferentes critérios:

Essas linhas de pobreza podem ser estabelecidas a partir de vários critérios, desde salários mínimos até em relação ao número de proteínas e calorias necessárias para manter determinado padrão de nutrição. Obviamente, todas elas são traduzidas em termos monetários, o que implica assumir preços de mercados para as mercadorias, além de atribuir preços a elementos que não podem ser adquiridos nesses mercados.

Ainda no que diz respeito às linhas de pobreza, Rocha (2006, p. 44-46) afirma que podemos classificá-las de duas formas: arbitrárias ou observadas.

As linhas de pobreza arbitrárias “são aquelas estabelecidas sem que haja garantia de que seu valor possibilite o atendimento de um conjunto de necessidades básicas, quaisquer que sejam elas e a forma de sua determinação” (ROCHA, 2006, p. 44). Um exemplo é a linha de pobreza que o Banco Mundial utiliza para comparar os níveis de pobreza entre países. Essa linha estabelece como pobres todos aqueles que vivem com menos de US\$1,25 ou US\$2,00<sup>2</sup> por dia, não levando em conta as especificidades socioeconômicas dos países em questão. No que diz respeito ao Brasil, um exemplo bastante difundido no meio acadêmico e entre os *policy makers* é a utilização do salário mínimo ou de alguma porcentagem dele para definir o valor da linha de pobreza (ROCHA, 2006, p. 44-45).

Já as linhas de pobreza observadas “se baseiam na estrutura de consumo de populações de baixa renda, como investigado em pesquisas de orçamentos familiares” (ROCHA, 2006, p. 44). A análise feita através dessa abordagem é claramente mais completa se comparada à abordagem das linhas arbitrárias, pois existem estudos aceitos internacionalmente que definem as necessidades nutricionais mínimas dos indivíduos.

A partir disso, é possível mensurar a cesta de alimentos mínima necessária para que o indivíduo consiga sobreviver. O que não ocorre quando se trata de linhas arbitrárias, pois não existe base teórica que defina a quantidade mínima que cada indivíduo deve consumir em relação a vestuário, habitação, transporte, entre outros (ROCHA, 2006, p. 46).

Comim e Bagolin (2002, p. 5-6) destacam três medidas utilizadas para mensurar a pobreza através da renda: a proporção de pobres ( $P^0$ ); o hiato médio de renda ( $P^1$ ) e a medida de Foster, Greer e Thorbecke ou FGT ( $P^2$ ).

---

<sup>2</sup> Valores atualizados de acordo com o site do Banco Mundial. Disponível em: <<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/TOPICS/EXTPOVERTY/EXTPA/0,,contentMDK:22397595~pagePK:210058~piPK:210062~theSitePK:430367,00.html>>. Acesso em: 05 abr. 2014

Na medida conhecida como “proporção de pobres”, o primeiro passo é identificar a renda dos indivíduos, depois determinar uma linha de pobreza a partir do consumo mínimo necessário a uma vida “decente” e então classificar todos abaixo dessa linha como pobres. A desvantagem dessa medida é que ela não leva em conta a intensidade e a distribuição da pobreza entre os indivíduos (COMIM; BAGOLIN, 2002, p. 5).

No “hiato médio de renda” calcula-se a diferença entre a renda dos indivíduos e a linha de pobreza e depois se divide essa diferença em relação à população total, com isso busca-se estabelecer a quantidade de recursos necessários para erradicar a pobreza. Nesse caso, a desvantagem está associada ao fato de essa medida não considerar a extensão da pobreza, pois seu cálculo baseia-se em médias e com isso corre-se o risco de as necessidades dos indivíduos não serem atendidas adequadamente (COMIM; BAGOLIN, 2002, p. 5-6).

Já na medida FGT, conecta-se os hiatos de renda ao grau de desigualdade entre os indivíduos e eleva-se esse hiato ao quadrado, fazendo com que se atribua um peso maior aos indivíduos mais pobres. Apesar de essa medida tentar contornar as desvantagens das outras duas mencionadas anteriormente, ela também é considerada unidimensional, pois considera a renda como variável principal no cálculo da determinação da pobreza (COMIM; BAGOLIN, 2002, p. 6).

Outro instrumento bastante utilizado para medir a desigualdade de renda e que conseqüentemente reflete o nível de pobreza da população é o Índice de Gini. Elaborado pelo matemático italiano Conrado Gini, o índice mede o grau de concentração da renda entre os indivíduos e mostra a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. O índice varia de 0 a 1, sendo 0 a medida de completa igualdade, onde todos possuem a mesma renda, e 1 a medida de completa desigualdade, onde apenas uma pessoa detém toda a renda (WOLFFENBÜTTEL, 2004, p. 80).

Como pode-se perceber, mensurar a pobreza através da ótica da renda pode levar a resultados arbitrários e viesados, pois uma vez que não se leva em conta o contexto socioeconômico onde o indivíduo está inserido, pode-se tanto mascarar os resultados quanto sobrestimá-los.

Em uma tentativa de melhorar a mensuração desse fenômeno complexo que é a pobreza, surgiu a abordagem das necessidades básicas ou *basic needs*. Essa abordagem está ligada ao atendimento do conjunto de necessidades mínimas necessárias para que o indivíduo consiga sobreviver. Sendo assim, não se levam em conta apenas a renda ou as necessidades nutricionais e sim a cesta de consumo mínima necessária à sobrevivência do indivíduo, como educação, saúde, saneamento, entre outros (ROCHA, 2006, p. 19).

Nas palavras de Salama e Destremau (1999, p. 75):

As necessidades básicas tem como característica principal o fato de serem consideradas universais, comuns aos homens de diferentes culturas e civilizações: alimentar-se, tratar-se, conhecer, mas também agir. São necessidades físicas e psíquicas que podem ser satisfeitas segundo modalidades econômicas extremamente variadas, mas que são comuns a todos os homens.

A ótica das necessidades básicas difere da ótica da renda em três pontos. Em primeiro lugar, por não utilizar a renda como variável principal na determinação da pobreza. Segundo, por mensurar os resultados da sociedade como um todo, sendo assim, essa abordagem não restringe os estudos a um grupo específico de pobres. E, por último, mas não menos importante, essa abordagem leva em conta o caráter multidimensional da pobreza (ROCHA, 2006, p.20).

Com o surgimento da abordagem das *basic needs*, surgiu também a necessidade de se criar um índice único capaz de mensurar os diferentes aspectos levados em conta nessa abordagem. De acordo com Rocha (2006, p. 21) um dos índices que mais se destacou foi o *physical quality of life index* (PQLI), criado por David Morris e Florizelle Liser na década de 1970 e que unificava três aspectos básicos de bem-estar: mortalidade infantil, esperança de vida com um ano de idade e taxa de alfabetização.

O PQLI, apesar de ter recebido várias críticas por não conseguir ser totalmente neutro às questões culturais de cada sociedade, viria a ser a base para o internacionalmente conhecido Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), criado por Mahbub ul Haq com a colaboração de Amartya Sen e exposto pela primeira vez no Relatório de Desenvolvimento Humano de 1990 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e que será detalhado na próxima seção.

Apesar de a ótica das necessidades básicas ter sido uma grande evolução para o estudo da pobreza, a abordagem monetária ainda é muito utilizada, principalmente por facilitar a quantificação desse fenômeno e, conseqüentemente, os tipos de políticas que visam reduzir a proporção de pessoas pobres. Em uma tentativa de mensurar a pobreza de uma maneira mais qualitativa, Amartya Sen, economista e filósofo indiano e ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1998, criou a famosa Abordagem das Capacitações, que será exposta a seguir.

## 2.2 A POBREZA SOB A ÓTICA MULTIDIMENSIONAL DE AMARTYA SEN

Levando em consideração os conceitos de justiça social e igualdade e também as obras dos economistas Adam Smith e Karl Marx e também do filósofo Aristóteles, Amartya Sen (2000) criou a Abordagem das Capacitações ou *Capability Approach*. Essa abordagem leva em conta o caráter multidimensional da pobreza, ou seja, os aspectos qualitativos da vida dos indivíduos.

Em sua obra *Desenvolvimento como Liberdade* (2000), Sen constrói uma crítica a três famosas teorias sobre justiça: a Utilitarista, a de John Rawls e de Robert Nozick.

De acordo com Sen (2000, p. 78), a teoria utilitarista pode ser avaliada a partir de três componentes que unidos “fornecem a fórmula utilitarista clássica de julgar cada escolha a partir da soma total de utilidades geradas por meio dessa escolha.”. Nas palavras de Mattos e Waquil (2008, p. 621), esses componentes são:

- a) consequencialismo (*consequentialism*) - todas as escolhas das pessoas são avaliadas a partir dos resultados gerados;
- b) “welfarismo” (*welfarism*) - a avaliação do estado das coisas deve ser feita com base nas suas utilidades. Quando combinado com o consequencialismo, os resultados das escolhas devem ser avaliados de acordo com a utilidade gerada; e,
- c) *ranking* pela soma (*sum-ranking*) - em termos de avaliação, as utilidades das pessoas são simplesmente somadas para uma avaliação agregada.

Na sua crítica, Sen (2000, p. 79-80) aponta tanto os méritos quanto as limitações da abordagem utilitarista. No que diz respeito aos méritos, o autor destaca que essa ótica leva em conta os resultados das disposições sociais ao julgá-las e também o fato de a abordagem se preocupar com o efetivo bem-estar dos indivíduos.

Em relação às limitações, Sen (2000, p. 81) cita três desvantagens. Em primeiro lugar, a indiferença distributiva, ou seja, o fato de a abordagem utilitarista analisar os dados de uma forma agregada. Em segundo lugar, a falta de preocupação com os direitos, liberdades e outros aspectos que não influenciam as utilidades dos indivíduos. E em terceiro lugar, o fato de os indivíduos se adaptarem às situações de acordo com o meio onde vivem e por isso as análises não refletirem, de fato, a qualidade de vida desses indivíduos.

No que diz respeito à teoria de Rawls, Sen (2000, p. 83-86) destaca que um dos pontos principais é a priorização da “liberdade formal”. Isso implica que alguns direitos políticos e civis básicos, considerados liberdades formais pessoais, devem preceder quaisquer necessidades econômicas. Já a teoria libertária de Nozick considera que a liberdade do

indivíduo, avaliada de direitos formais a direitos de propriedade, está acima de tudo, inclusive de outros aspectos que possam resultar em bem-estar.

Desta maneira, o problema dessas duas abordagens não está no fato de se dar prioridade à liberdade formal e sim no fato de se desconsiderar as outras necessidades dos indivíduos:

No que concerne a sua base informacional, o libertarismo como abordagem é demasiado limitado. Não só desconsidera as variáveis as quais as teorias utilitarista e welfarista atribuem grande importância, como também negligencia as liberdades substantivas mais básicas que temos razão para prezar e exigir. (SEN, 2000, p. 86)

Com base nesses princípios acerca da liberdade, Sen formulou a Abordagem das Capacitações, que tem como pressuposto que a vida é um conjunto de “seres e fazeres”, ao qual chamamos de “funcionamentos”. Outro ponto importante é que essa abordagem relaciona a qualidade de vida dos indivíduos à capacidade dos mesmos de se desenvolverem como seres humanos de acordo com o que acreditam ser melhor para si. Sendo assim, para um melhor entendimento dessa abordagem é necessário explicar os conceitos de funcionamentos e capacitações.

Os funcionamentos são representados por estados e ações, ou seja, aquilo que as pessoas possuem capacidade de ser e fazer. De acordo com Sen (2000, p. 95), esses funcionamentos podem ser tanto elementares, como, por exemplo, evitar doenças e estar bem nutrido, quanto podem ser mais complexos, como ter respeito próprio, ser ativo na vida em comunidade, entre outros.

Por sua vez, as capacitações ou *capabilities* de um indivíduo representam o conjunto de funcionamentos que ele é capaz de realizar. Outra forma de descrever as *capabilities*, é que são “um tipo de liberdade: a liberdade substantiva de realizar combinações alternativas de funcionamentos (ou, menos formalmente expresso, a liberdade para ter estilos de vida diversos).” (SEN, 2000, p. 95).

Como uma forma de ilustrar esses dois conceitos, Sen (2000, p. 95) cria um exemplo onde há duas pessoas, uma com poder aquisitivo alto que decide jejuar e outra pobre, que não possui condições de ter uma alimentação adequada e que, portanto, passa fome. Ambas podem ter os mesmos níveis de funcionamentos no que diz respeito à alimentação mas a pessoa que escolhe jejuar possui um “conjunto capacitário” diferente da que passa fome, pois ela tem a opção de escolher passar fome, enquanto a outra não.

Dito isso, Sen (2000, p. 109-110) propõe três argumentos em favor da mensuração da pobreza através da Abordagem das Capacitações:

- 1) A pobreza pode sensatamente ser identificada em termos de privação de capacidades; a abordagem concentra-se em privações que são *intrinsecamente* importantes (em contraste com a renda baixa, que é importante apenas *instrumentalmente*).
- 2) Existem *outras* influências sobre a privação de capacidades – e, portanto, sobre a pobreza real – além do baixo nível de renda (a renda não é o único instrumento de geração de capacidades).
- 3) A relação instrumental entre baixa renda e baixa capacidade é *variável* entre comunidades e até mesmo entre famílias e indivíduos (o impacto da renda sobre as capacidades é contingente e condicional).

Na opinião de Lacerda (2012, p. 218), a Abordagem das Capacitações é “um *mix* de relativismo (*functionings*) e absolutismo (capacitações)”, pois consegue reconhecer que restringir a análise da pobreza a apenas uma variável a afastaria da perspectiva de a pobreza ser o resultado da privação das capacidades, justamente devido ao caráter complexo do objeto de estudo e das diferenças entre os indivíduos.

Salama e Destremau (1999, p. 79), também elucidam o caráter qualitativo dessa abordagem e fazem uma crítica à abordagem utilitarista e monetária da pobreza:

Trata-se, pois, de uma abordagem qualitativa que, sem negligenciar o possuir material, dá ênfase a valores de realização e de liberdade, com os funcionamentos representando um modo de se levar a vida, as capacidades e as diversas oportunidades que se apresentam a uma pessoa e entre as quais ela escolhe. No enfoque das capacidades, nem a utilidade, nem o rendimento podem ser identificados com o bem-estar. A definição da pobreza não pode, portanto, se basear no fraco nível de um ou de outro, mas, de preferência, na inadequação dos meios econômicos referentes à propensão das pessoas em convertê-las em capacidades de funcionar, e isto num ambiente social, econômico e cultural particular.

Apesar da Abordagem das Capacitações representar um avanço significativo e inquestionável no que diz respeito à tentativa de mensuração e análise da pobreza, a operacionalização dessa abordagem ainda requer muito estudo, pois até o momento não existe nenhum método que consiga sintetizar seus complexos conceitos (MATTOS; WAQUIL, 2008, p. 623).

É necessário, porém, ressaltar que existem diversos estudos que tentam operacionalizar essa abordagem e que já surgiram alguns índices a partir desses estudos como, por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

O IDH tem como objetivo “oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, que considera apenas a dimensão

econômica do desenvolvimento” (PNUD, 2014). Ainda de acordo com o PNUD (2014), apesar de o IDH utilizar três dimensões importantes quando se trata de mensurar bem-estar (renda, saúde e educação) e com isso aumentar a percepção sobre a dimensão do tema, o índice não aborda todas as variáveis importantes inerentes ao conceito de desenvolvimento. Sendo assim, “democracia, participação, equidade, sustentabilidade são outros dos muitos aspectos do desenvolvimento humano que não são contemplados no IDH.” (PNUD, 2014).

Em uma tentativa de melhorar a mensuração do desenvolvimento humano e reduzir as lacunas do IDH, o Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) de 2010 do PNUD, introduziu três novos índices multidimensionais: o IDH Ajustado à Desigualdade (IDHAD), o Índice de Desigualdade de Gênero (IDG) e o Índice de Pobreza Multidimensional (IPM).

O IDHAD é um índice que leva em consideração tanto o desenvolvimento humano médio de um país quanto a distribuição desse desenvolvimento, sem desconsiderar as desigualdades no que diz respeito a expectativa de vida, escolaridade e renda. Ao analisar as diferenças entre o IDH e o IDHAD podemos dizer que “o IDH pode ser visto como um indicador do desenvolvimento humano “potencial” (ou o IDHAD máximo que poderia ser obtido se não houvesse desigualdade), enquanto o IDHAD é o nível de desenvolvimento real (levando em consideração a desigualdade).”<sup>3</sup> (PNUD, 2010, p. 87).

O IDG foi criado para abordar as desigualdades no que diz respeito ao gênero e substituiu o Índice de Desenvolvimento relacionado ao Gênero e o Índice de Autonomia de Gênero, ambos lançados no RDH de 1995. Para mensurar essas desigualdades, o IDG possui três dimensões: saúde reprodutiva, autonomia e mercado de trabalho. A saúde reprodutiva é mensurada pela taxa de mortalidade materna e de fertilidade entre adolescentes. A autonomia é capturada pela proporção de mulheres que ocupam cargos ligados ao governo em relação aos homens e também pelo nível de escolaridade (secundário e superior). Já a dimensão mercado de trabalho é avaliada através do grau de participação das mulheres no mercado de trabalho (PNUD, 2010, p. 89-92).

O IPM, por sua vez, foi criado para mensurar a pobreza em sua multidimensionalidade a partir de domicílios e substituiu o Índice de Pobreza Humana (IPH), publicado pela primeira vez no RDH de 1997 e que utilizava médias para refletir de uma forma agregada as privações em saúde, educação e padrão de vida. O IPM é composto por três dimensões (educação, saúde e padrão de vida) que são subdivididas em 10 indicadores com

---

<sup>3</sup> Na versão original: “[...] the HDI can be viewed as an index of “potential” human development (or the maximum IHDI that could be achieved if there were no inequality), while the IHDI is the actual level of human development (accounting for inequality).”

pesos igualmente distribuídos dentro dessas dimensões. No cálculo do IPM, são considerados multidimensionalmente pobres os domicílios que possuem um nível de privação elevado, de acordo com as medidas estabelecidas pelo RDH, em 2 a 6 desses indicadores (PNUD, 2010, p. 94-96).

Apesar de a Abordagem das Capacitações ser inegavelmente mais abrangente que as abordagens monetárias no que diz respeito à mensuração da pobreza, é importante “acrescentar que essas duas perspectivas da pobreza (renda e capacitações) estão vinculadas. Um aumento de capacitação pode levar a um aumento de renda, contribuindo para a redução da pobreza por renda.” (LACERDA, 2012, p. 217). Ou seja, mesmo quando se utiliza dados que possuem um caráter mais qualitativo, como os que medem o bem-estar, por exemplo, é necessário levar a renda em consideração, pois em um mundo globalizado com economias monetizadas como o nosso, a renda ainda é uma das principais formas dos indivíduos adquirirem bens e ter acesso a serviços que são capazes de aumentar a sua qualidade de vida.

Antes de analisar a intensidade da pobreza na microrregião de Frederico Westphalen com base nas teorias mencionadas nesse trabalho é necessário mostrar a evolução histórica e econômica pela qual a região passou desde sua criação, pois muitos indicadores são reflexos da maneira como a sociedade se organizou ao longo dos anos. Sendo assim, o próximo capítulo descreve as diversas fases de desenvolvimento da microrregião em questão.

### **3 EVOLUÇÃO HISTÓRICA E ECONÔMICA DA MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN**

O estado do Rio Grande do Sul é bastante heterogêneo no que se refere à população, à atividade econômica e à ocupação territorial, por isso dividi-lo em diferentes regiões para tentar entender alguns aspectos, como a pobreza, por exemplo, é um trabalho complexo, porém necessário.

Ao longo dos anos surgiram diversos estudos com diferentes abordagens no que se refere à divisão territorial do estado. Por isso faz-se necessário, primeiramente, utilizar a noção de divisão territorial do estado em três regiões (norte, sul e nordeste) para ter-se uma visão de como o processo de ocupação ocorreu como um todo no estado e posteriormente inserir a microrregião de Frederico Westphalen nesse contexto e caracterizá-la.

#### **3.1 A METADE SUL, A METADE NORTE E O NORDESTE GAÚCHO**

Segundo Bandeira (2003, p. 521), é possível dividir o estado do Rio Grande do Sul em pelo menos três grandes e distintas regiões. São elas: a norte, a sul e a nordeste. Essa divisão tornou-se necessária em função de muitos estudos que generalizavam os aspectos econômicos e sociais do estado, dividindo-o em um norte “rico” e um sul “pobre”, divisão essa considerada simplória ao levar-se em conta o perfil heterogêneo, econômico e cultural, que o estado apresenta.

A primeira região a ser ocupada no Rio Grande do Sul foi a metade sul do estado através da doação de sesmarias, ainda no período colonial, e desde a sua ocupação até meados do século XIX ela era considerada a região economicamente mais dinâmica do estado. Esse dinamismo estava ligado à atividade pecuarista que tinha como principal produto o charque, utilizado para alimentar escravos e as pessoas pobres da região urbana (BANDEIRA, 2003, p. 521).

A metade sul era caracterizada por grandes propriedades, pela concentração da renda e pela monocultura. As estâncias ocupavam vastas áreas de terras e ficavam a quilômetros de distância umas das outras (BANDEIRA, 2003, p. 521). Diferentemente da metade norte do estado, como será visto mais profundamente no decorrer dessa seção, a metade sul especializou-se apenas em um produto, o charque, que foi responsável pela prosperidade econômica da região por muitas décadas.

Quanto às áreas urbanas, destacavam-se as cidades de Pelotas, que possuía o maior número de charqueadas da região, e Rio Grande, onde ficava o porto pelo qual o charque era exportado. A maior parte da população das principais cidades da metade sul era composta por descendentes de escravos ou por peões que já não trabalhavam mais nas estâncias, caracterizando um mercado com poder aquisitivo baixo (BANDEIRA, 2003, p. 521; 526).

Apesar de o charque ter obtido êxito em sustentar a economia da metade sul do estado por muitas décadas, a partir da metade do século XIX começou-se a observar a estagnação econômica da região. Um dos motivos para tal estagnação era a falta de capacidade dos pecuaristas gaúchos concorrerem com os pecuaristas platinos, que além de possuírem uma organização e uma eficiência mais elevada na produção do charque, ainda comercializavam o produto a preços mais competitivos:

Ainda em meados do século passado, começou a configurar-se claramente a estagnação da pecuária sulina, cujas charqueadas escravistas demonstravam uma crônica dificuldade para enfrentar a concorrência dos saladeros platinos, mais eficientes e organizados em bases capitalistas. Começava a delinear-se então o quadro que viria a se tornar uma das características principais da futura configuração espacial da economia gaúcha: um norte mais dinâmico e economicamente mais diversificado e um sul de crescimento lento e de estrutura produtiva mais especializada (BANDEIRA, 2003, p. 523).

Outro motivo que colaborou para a estagnação da região foi o fato de a indústria, que se localizava quase que exclusivamente no eixo Pelotas-Rio Grande, não ter conseguido desenvolver-se plenamente. No começo da industrialização da região existiam diversas empresas de grande porte e de diferentes ramos, porém, com o passar dos anos, essa diversificação foi desaparecendo, o que culminou no desaparecimento também de muitas empresas pioneiras, gerando uma especialização ainda maior do parque industrial local. Além da pouca diversificação, outra característica importante da indústria era que a produção voltava-se para a demanda dos mercados localizados no centro do país e não para o mercado local e regional e quando a competitividade de outras indústrias que localizavam-se mais próximas dos centros consumidores aumentou, a indústria da região não conseguiu se sustentar, pois o mercado local não possuía um poder de compra alto o suficiente para manter o funcionamento dessas empresas (BANDEIRA, 2003, p. 523-529).

O norte do estado, durante o apogeu do charque, era a região mais atrasada do estado, sendo Porto Alegre, já capital da Província nessa época, responsável principalmente por funções administrativas e caracterizada pelo baixo dinamismo econômico. Essa situação, porém, começou a reverter-se quando se iniciou o processo de colonização no estado.

Primeiramente com os alemães, que começaram a chegar em São Leopoldo a partir de 1825 e posteriormente com a chegada dos italianos a Caxias do Sul em 1875 (BANDEIRA, 2003, p. 522).

A ocupação do território ao norte do estado através do processo de colonização, que começou nas cidades próximas a Porto Alegre, expandiu-se aos poucos, visto a necessidade de os descendentes dos primeiros imigrantes buscarem novas propriedades. Diferentemente da metade sul, a organização do território ao norte do estado era caracterizada pela pequena propriedade e pela diversificação da produção agrícola, gerando assim uma maior distribuição da renda. A densidade demográfica e a quantidade de cidades, localizadas bem próximas uma das outras, era bem mais alta que a da metade sul:

A imigração criou, na maior parte da metade norte do estado – excluindo-se algumas áreas residuais onde continuaram a predominar a pecuária e a grande propriedade – uma sociedade bastante distinta da do sul. A pequena propriedade, aliada a uma agricultura diversificada, gerou uma distribuição de renda menos concentrada. Ao invés de um grupo diminuto de grandes proprietários ricos e de um contingente relativamente reduzido de assalariados de baixa renda, no norte havia um número grande de pequenos proprietários que, algum tempo após o assentamento, passavam a ter uma renda monetária relativamente expressiva, oriunda da venda da produção que excedia suas necessidades de subsistência. O padrão mais concentrado de assentamento rural resultava, além disso, em uma densidade demográfica muito maior. A rede urbana era, por sua parte, também muito diferente da do sul, sendo constituída por um número expressivo de centros pequenos, situados à escassa distância uns dos outros (BANDEIRA, 2003, p. 523).

O desenvolvimento das colônias culminou no lento avanço de Porto Alegre ao posto de centro econômico do estado. Era a partir do estuário da capital que os produtos produzidos nas colônias eram exportados para o centro do país e também onde os colonos compravam produtos manufaturados importados para consumo próprio (BANDEIRA, 2003, p. 523).

Aos poucos a economia da região norte ia se tornando mais dinâmica e diversificada, diferentemente da metade sul, onde a pecuária, base da atividade econômica da região, começava a encaminhar-se para um processo de estagnação. Esse processo pode ser observado no setor industrial também, pois enquanto na metade sul a indústria, que na época de sua implantação possuía um bom desempenho, começou a declinar, as indústrias localizadas em Porto Alegre e nas cidades mais importantes da região começaram a crescer e a tornar-se mais sólidas (BANDEIRA, 2003, p. 524).

O desenvolvimento da indústria da região nordeste do estado pode ser explicado, em primeiro lugar, pela estrutura do mercado consumidor, que era bem diferente da encontrada na região sul e, em segundo lugar, devido à transferência de recursos do comércio dos produtos

advindos da agricultura para a indústria, fato que não ocorreu com as indústrias do sul rio-grandense (BANDEIRA, 2003, p. 524).

No começo do século XX, existiam dois pólos industriais no estado. Um localizado em Porto Alegre, caracterizado por numerosas e diversificadas empresas e outro no eixo Pelotas-Rio Grande, com um menor número de empresas especializadas. Em termos de quantidade de mão-de-obra empregada ambos eram bem próximos. Porém, essa era a única semelhança entre os dois. O número de indústrias em Porto Alegre era muito maior, a indústria era mais diversificada e a produção era voltada para o consumo local e regional, diferentemente da metade sul (BANDEIRA, 2003, p. 524).

A partir dessa época, nota-se um crescimento sólido e gradual das indústrias da região nordeste do estado que, nas décadas seguintes, consolidaram a última grande mudança na divisão territorial da economia do Rio Grande do Sul:

O nordeste do estado – mais notadamente, a área em torno do eixo Porto Alegre-Caxias do Sul – passou, à medida que se expandia o seu parque industrial, a diferenciar-se do restante da região de agricultura colonial diversificada, que já cobria então a maior parte da metade norte do Rio Grande do Sul (BANDEIRA, 2003, p. 529).

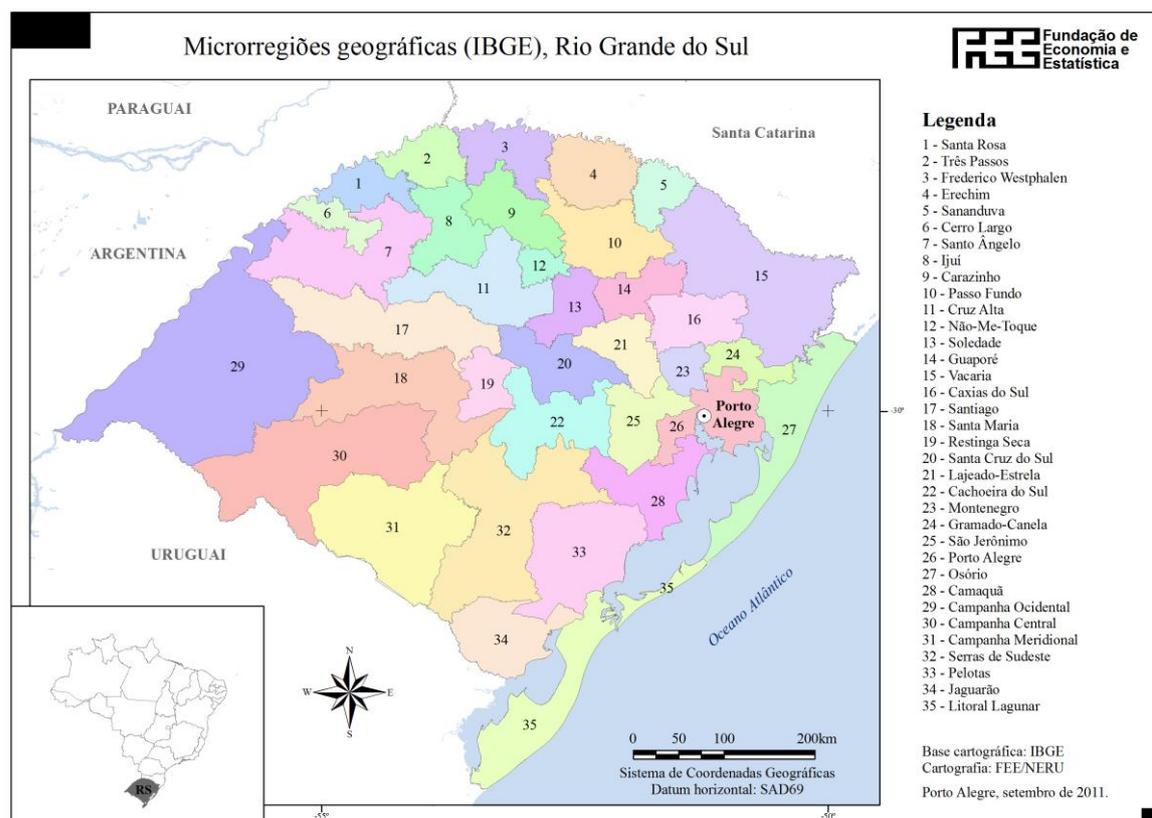
Sendo assim, ainda de acordo com Bandeira (2003) pode-se dividir o estado em três grandes regiões: a norte, a sul e a nordeste. A região norte, composta por uma economia diversificada e baseada, principalmente, na agropecuária, onde predomina a pequena e média propriedade. A região sul, também de base agrícola, porém com grandes propriedades e especializada principalmente em duas atividades: a pecuária e a orizicultura. E por fim o nordeste, responsável pelo início da colonização da metade norte do Rio Grande do Sul e que passou por diversas mudanças, tornando-se o pólo industrial do estado.

É nesse contexto que a microrregião de Frederico Westphalen está inserida, conforme será visto mais detalhadamente na próxima seção.

### 3.2 A MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN

A microrregião de Frederico Westphalen está localizada na metade norte do estado do Rio Grande do Sul (Figura 1) e é caracterizada pela pequena e média propriedade e pela predominância da agricultura familiar (CONTERATO; GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007, p. 4-6).

Figura 1 – Microrregiões geográficas (IBGE), Rio Grande do Sul



Fonte: FEE (2011)

A microrregião ocupa uma área de 5.174km<sup>2</sup> com uma densidade demográfica de 33,74 habitantes/km<sup>2</sup> e é composta por 27 municípios. São eles: Alpestre, Ametista do Sul, Caiçara, Constantina, Cristal do Sul, Dois Irmãos das Missões, Engenho Velho, Erval Seco, Frederico Westphalen, Gramado dos Loureiros, Iraí, Liberato Salzano, Nonoai, Novo Tiradentes, Novo Xingu, Palmitinho, Pinheirinho do Vale, Planalto, Rio dos Índios, Rodeio Bonito, Rondinha, Seberi, Taquaruçu do Sul, Três Palmeiras, Trindade do Sul, Vicente Dutra e Vista Alegre (IBGE, 2014).

Com uma população total de 174.605 habitantes (Tabela 1), representando 2% da população total do estado, a microrregião é formada, em sua maior parte, por municípios pequenos, tanto no que diz respeito ao território quanto ao número de habitantes. Dos 27 municípios, apenas 4 possuem mais de 10.000 habitantes, sendo o maior deles Frederico Westphalen com uma população de 28.843 habitantes, seguido por Nonoai com 12.074 habitantes, Seberi com 10.897 habitantes e Planalto com 10.524 habitantes. Além disso, a microrregião também possui 11 municípios com menos de 5.000 habitantes, sendo o menor deles Engenho Velho, com 1.527 habitantes.

Outra característica importante é que 53% da população mora na área urbana e 47% na área rural, situação bem diferente se compararmos esses números ao estado, onde 85% da população é urbana e somente 15% é rural. Desconsiderando o município de Frederico Westphalen, que possui o maior contingente populacional residente na zona urbana, da relação dos municípios da microrregião o percentual referente à população rural aumenta para 52%, o que demonstra explicitamente o perfil rural da microrregião.

**Tabela 1 - População por situação do domicílio - microrregião de Frederico Westphalen - 2010**

| Municípios               | Urbana           | Rural            | Total             |
|--------------------------|------------------|------------------|-------------------|
| Alpestre                 | 2.211            | 5.816            | 8.027             |
| Ametista do Sul          | 3.811            | 3.512            | 7.323             |
| Caçara                   | 1.594            | 3.477            | 5.071             |
| Constantina              | 6.510            | 3.242            | 9.752             |
| Cristal do Sul           | 931              | 1.895            | 2.826             |
| Dois Irmãos das Missões  | 1.094            | 1.063            | 2.157             |
| Engenho Velho            | 599              | 928              | 1.527             |
| Erval Seco               | 3.437            | 4.441            | 7.878             |
| Frederico Westphalen     | 23.333           | 5.510            | 28.843            |
| Gramado dos Loureiros    | 526              | 1.743            | 2.269             |
| Iraí                     | 4.457            | 3.621            | 8.078             |
| Liberato Salzano         | 1.297            | 4.483            | 5.780             |
| Nonoai                   | 9.065            | 3.009            | 12.074            |
| Novo Tiradentes          | 654              | 1.623            | 2.277             |
| Novo Xingu               | 554              | 1.203            | 1.757             |
| Palmitinho               | 3.393            | 3.527            | 6.920             |
| Pinheirinho do Vale      | 915              | 3.582            | 4.497             |
| Planalto                 | 5.932            | 4.592            | 10.524            |
| Rio dos Índios           | 755              | 2.861            | 3.616             |
| Rodeio Bonito            | 4.310            | 1.433            | 5.743             |
| Rondinha                 | 2.317            | 3.201            | 5.518             |
| Seberi                   | 5.923            | 4.974            | 10.897            |
| Taquaruçu do Sul         | 1.164            | 1.802            | 2.966             |
| Três Palmeiras           | 2.090            | 2.291            | 4.381             |
| Trindade do Sul          | 2.899            | 2.888            | 5.787             |
| Vicente Dutra            | 2.351            | 2.934            | 5.285             |
| Vista Alegre             | 1.185            | 1.647            | 2.832             |
| <b>Total</b>             | <b>93.307</b>    | <b>81.298</b>    | <b>174.605</b>    |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>9.100.291</b> | <b>1.593.638</b> | <b>10.693.929</b> |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2010)

A composição do Valor Adicionado Bruto (VAB) dos municípios da microrregião (Tabela 2) demonstra que a atividade econômica está altamente relacionada à agropecuária que compõe, na média, 36% do VAB Total, sendo que esse percentual cai para 9% quando considera-se a participação do VAB da agropecuária no Rio Grande do Sul. O VAB Serviços ocupa a primeira posição tanto na microrregião quanto no estado, porém considerando o VAB

Indústria, assim como o VAB Agropecuária, a diferença entre a microrregião e o restante do estado é bastante significativa, com a média do VAB Indústria dos municípios da microrregião ocupando apenas 10% do VAB Total, enquanto que esse valor eleva-se para 29% no estado.

**Tabela 2 - Valor Adicionado Bruto - microrregião de Frederico Westphalen - 2010**

| Municípios               | VAB Agropecuária | VAB Indústria | VAB Serviços |
|--------------------------|------------------|---------------|--------------|
| Alpestre                 | 38%              | 12%           | 50%          |
| Ametista do Sul          | 18%              | 16%           | 66%          |
| Caiçara                  | 47%              | 6%            | 47%          |
| Constantina              | 23%              | 10%           | 66%          |
| Cristal do Sul           | 46%              | 8%            | 46%          |
| Dois Irmãos das Missões  | 52%              | 10%           | 38%          |
| Engenho Velho            | 37%              | 6%            | 57%          |
| Erval Seco               | 41%              | 8%            | 51%          |
| Frederico Westphalen     | 8%               | 31%           | 60%          |
| Gramado dos Loureiros    | 42%              | 5%            | 53%          |
| Iraí                     | 32%              | 8%            | 60%          |
| Liberato Salzano         | 46%              | 6%            | 47%          |
| Nonoai                   | 16%              | 16%           | 68%          |
| Novo Tiradentes          | 46%              | 5%            | 49%          |
| Novo Xingu               | 43%              | 7%            | 51%          |
| Palmitinho               | 36%              | 11%           | 53%          |
| Pinheirinho do Vale      | 44%              | 8%            | 49%          |
| Planalto                 | 23%              | 14%           | 62%          |
| Rio dos Índios           | 38%              | 6%            | 56%          |
| Rodeio Bonito            | 25%              | 16%           | 59%          |
| Rondinha                 | 44%              | 7%            | 49%          |
| Seberi                   | 32%              | 11%           | 57%          |
| Taquaruçu do Sul         | 37%              | 7%            | 57%          |
| Três Palmeiras           | 35%              | 9%            | 56%          |
| Trindade do Sul          | 31%              | 16%           | 52%          |
| Vicente Dutra            | 45%              | 6%            | 49%          |
| Vista Alegre             | 41%              | 6%            | 54%          |
| <b>Média</b>             | <b>36%</b>       | <b>10%</b>    | <b>54%</b>   |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>9%</b>        | <b>29%</b>    | <b>62%</b>   |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da FEE (2013)

Para compreender melhor a atual conjuntura econômica e social da microrregião faz-se necessário analisar, desde o início, o processo de ocupação pelo qual a região passou, pois a maior parte das características atuais está ligada à forma como a região foi colonizada.

O processo de colonização da microrregião de Frederico Westphalen teve início nas primeiras décadas do século XIX, sendo marcado pela demarcação de lotes de terras que receberam o nome de “Colônias Novas”. A demarcação das propriedades, realizada por companhias de colonização particulares, contribuiu para a aceleração do processo de imigração ocorrido na região. A maior parte dos imigrantes era proveniente de países como a

Alemanha e a Itália, sendo a outra parte composta por imigrantes de países como a Polônia, por exemplo. Vale ressaltar que anteriormente à chegada dos imigrantes, essas terras eram ocupadas por indígenas, em sua maior parte da etnia Kaingang, e por caboclos (CONTERATO; GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007, p. 4).

A colonização e a evolução socioeconômica da região estão diretamente relacionadas à agricultura familiar, pois desde o início observou-se um direcionamento claro para que os imigrantes fixassem residência nas chamadas “Colônias Novas” de modo que produzissem os alimentos necessários à sua sobrevivência e vendessem o excedente, quando houvesse. Outra característica relevante é que os lotes de terras eram bem menores que os da metade sul do estado.

Segundo Pelegrini e Gazolla (2008), a agricultura da região passou por três fases. A primeira fase ocorreu entre 1900 e 1935 e marcou o início da colonização com a ocupação das propriedades e o início das primeiras atividades produtivas. Os imigrantes levavam consigo alguns animais e sementes para suprir as necessidades de subsistência da família num primeiro momento e ao chegar em seus lotes se deparavam com uma mata fechada, inadequada para o início imediato das atividades. Sendo assim, a primeira coisa a se fazer era abrir clareiras e construir as instalações básicas necessárias.

O sistema produtivo dessa fase pode ser descrito como *sistema de rotação de terras primitivas* (WAIBEL, 1949<sup>4</sup>, p. 159-222 *apud* PELEGRINI; GAZOLLA, 2008, p. 29), onde a mata era cortada e queimada para que as plantações de milho, feijão preto e mandioca fossem possíveis. A maior parte da produção era destinada à alimentação dos membros da família, sendo o excedente utilizado para a criação de porcos que, juntamente com alguns subprodutos como, por exemplo, a banha, eram vendidos para a aquisição de produtos que não eram produzidos na colônia como sal, açúcar, café, querosene, entre outros.

Quanto às culturas produzidas nas colônias, destacavam-se a batata-inglesa, o feijão preto, o milho e a mandioca, sendo o milho o principal, tanto em área cultivada quanto em volume produzido, pois possuía várias utilidades, que iam desde alimentação familiar a alimentação dos animais criados na colônia, como porcos, gado, galinhas, etc. Além disso, produzia-se também banha, queijo, salame, mel, açúcar mascavo, rapadura, melado, entre outros. Vale ressaltar que, nessa primeira fase, esses produtos eram utilizados principalmente para a subsistência da família, que normalmente era bem numerosa, sendo apenas o excedente comercializado (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008, p. 30).

---

<sup>4</sup> WAIBEL, L. Princípios de colonização européia no sul do Brasil. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Ano 11, n.º 2, Rio de Janeiro, IBGE. 1949, p. 159-222.

A segunda fase ocorreu entre 1935 e 1960 e é caracterizada pelo começo da especialização produtiva e o aprofundamento das relações comerciais. Nessa fase não houve grandes alterações no que diz respeito ao sistema de corte e queimada e na comercialização da produção excedente mas sim na especialização produtiva das colônias, principalmente no cultivo do milho, que nessa época demandava um volume maior de produção, tanto para a alimentação dos animais criados na colônia, quanto para a comercialização no comércio local (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008, p. 31).

Nessa fase, o sistema produtivo é conhecido como *sistema de rotação de terras melhoradas*. O começo da especialização na criação de suínos é outra característica importante dessa fase, pois essa atividade se desenvolveria ainda mais nos anos seguintes, tendo grande impacto na economia da região. Outro ponto relevante foi a consolidação de mercados consumidores dos produtos derivados de suínos, como São Paulo, por exemplo. Também vale ressaltar a melhoria dos meios de transporte e da logística mercantil que se tornaram fundamentais para a consolidação de uma agricultura familiar que se norteava cada vez mais pelos novos canais de comercialização como forma de fortalecer sua reprodução socioeconômica (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008, p. 31).

Surgem também nessa fase a diferenciação social e produtiva entre os agricultores, as primeiras cooperativas de produção e comercialização de grãos – fundamentais para o escoamento da produção e para o desenvolvimento do perfil econômico da região – e as agroindústrias de suínos, aves, fumo, entre outros, que iriam competir com as agroindústrias artesanais de base familiar (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008, p. 32).

A terceira fase ocorreu entre 1960 e 1990 e é chamada pelos autores de *modernização da base técnico-produtiva e a “sojicização” da agricultura familiar*. Nessa fase os agricultores buscavam desenvolver ainda mais a especialização dos sistemas de cultivo, tendo em vista que a partir dos anos 1960 as propriedades começaram a ser divididas em lotes menores, os solos iam tornando-se menos férteis, a fronteira agrícola estadual estava diminuindo, entre outros aspectos. Essa especialização fez com que a agricultura familiar da região se tornasse menos heterogênea do que no começo da colonização, tendo como foco principal produtos como a soja, o milho e o trigo (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008, p. 32).

A introdução da soja no ciclo produtivo é considerada o marco principal dessa fase e simboliza a modernização da agricultura na região norte do estado. Apesar de o cultivo da soja ter trazido certa modernização para a região, vale ressaltar que em contrapartida os agricultores passaram a utilizar mais produtos industrializados, como adubos e fertilizantes e

ficaram mais dependentes dos mercados internacionais no que se refere aos preços dos produtos agrícolas (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008, p. 33).

É nesse período também que surgem as Cooperativas de Produção Agropecuária, primeiramente responsáveis pelo fomento da produção de trigo e posteriormente pelo escoamento da produção de soja, e os Complexos Industriais de produtos como soja, fumo, aves e suínos, formados por empresas de grande porte voltadas para esses setores (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008, p. 33).

Ainda de acordo com Pelegrini e Gazolla (2008, p. 33) apesar de o cultivo da monocultura da soja ter se intensificado nas primeiras décadas dessa fase modificando a estrutura agrícola da região, que passa de uma produção diversificada para a produção de basicamente um produto, a partir da década de 1990 é possível notar um processo que aos poucos se direciona no sentido do retorno à diversificação da produção agrícola e da atividade econômica.

Arns e Piovezana (2008, p. 69) também elucidam essa questão:

[...] as atividades principais na agricultura são: o binômio soja/trigo, nas áreas planas e mecanizáveis e nas áreas de relevo mais acidentado e de difícil mecanização se destacam as culturas do fumo, da mandioca e vem ganhando espaço a fruticultura de clima temperado e tropical. Na pecuária, destacam-se a suinocultura, avicultura e bovinocultura de leite, nas propriedades de menor mecanização e de relevo acidentado, enquanto a bovinocultura de corte nas áreas mais planas.

Com base nas características da evolução histórico-econômica da região, abordadas nesse capítulo, pode-se avaliar de uma maneira mais qualitativa os indicadores que refletem, de alguma forma, a pobreza rural na microrregião, indicadores esses que serão expostos no próximo capítulo.

## **4 A POBREZA NA MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN ATRAVÉS DE INDICADORES UNIDIMENSIONAIS E MULTIDIMENSIONAIS**

Mensurar a pobreza tanto através da esfera unidimensional quanto da multidimensional não é uma tarefa simples. Por isso, esse capítulo abordará diversos indicadores nas duas esferas como uma forma de tentar medir a ocorrência desse fenômeno tão complexo na microrregião de Frederico Westphalen. Como um dos objetivos desse trabalho é analisar especificamente a pobreza rural, é importante elucidar o conceito de pobreza rural que será utilizado, pois da mesma forma que existem diversas abordagens sobre o que é pobreza, também existem diversos estudos que definem, de diferentes formas, o que pode ser considerado rural. Sendo assim, após a consulta de diversas bibliografias constatou-se que a abordagem que se encaixa melhor na proposta do presente trabalho é a elaborada por Kühn (2008, p. 37), que classifica o município como rural, e não o domicílio, vinculando a pobreza rural aos indicadores e à dinâmica produtiva do município como um todo:

[...] Em primeiro lugar, a situação de carência de infraestrutura – a pobreza – não está associada ao indivíduo, mas ao município. O município, e não o domicílio familiar, é classificado como rural. A pobreza rural está vinculada, então, a uma falta relativa de renda municipal e/ou oportunidades sociais em relação à saúde e à educação em municípios com baixa densidade demográfica.

O segundo comentário revela que a pobreza rural não está, portanto, associada a um lugar dentro do município, mas a uma dinâmica produtiva que gera situações de carência que impedem que parte da população tenha condição de exercer suas escolhas com a liberdade que gostaria.

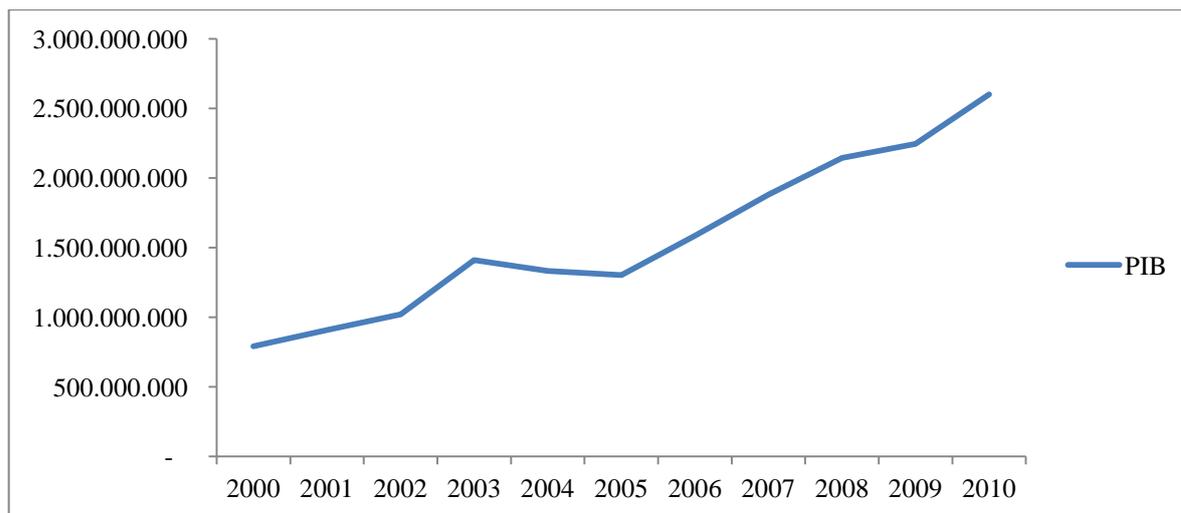
Além disso, devido ao curto espaço de tempo que se teve para coletar os dados e também pela inconstância na disponibilidade dos mesmos, pois alguns indicadores mudam de um censo para o outro, optou-se por utilizar os dados do Censo Demográfico de 2010 e, quando possível, os dados disponibilizados pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013 para os anos de 2000 e 2010.

### **4.1 INDICADORES UNIDIMENSIONAIS**

Conforme visto no segundo capítulo desse trabalho, muitos estudos consideram a renda como principal variável quando se trata de medir a pobreza, pois em economias modernas e monetizadas o dinheiro é o principal meio para se obter bens materiais e ter acesso a serviços.

No Gráfico 1, pode-se observar a evolução do PIB da microrregião de Frederico Westphalen, em reais, no período de 2000 a 2010. Nota-se que o PIB mais que triplicou nesse período de 10 anos. Essa análise é importante para compararmos se o crescimento do PIB teve impacto proporcional nos demais indicadores que serão analisados, já que alguns autores defendem que o crescimento econômico *per se* é suficiente para a diminuição da pobreza.

**Gráfico 1 – Evolução do PIB da microrregião de Frederico Westphalen (em R\$) – 2000 a 2010**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da FEE (2013)

Outra variável relevante para a análise é a renda *per capita* dos municípios da microrregião (Tabela 3). Ao analisar apenas o ano de 2010 pode-se perceber que, na média, esse indicador fica bem abaixo dos valores alcançados pelo estado, que possui uma renda *per capita* de R\$959,24 e que dos 27 municípios, apenas Rondinha possui uma renda *per capita* maior que a do estado (R\$1.022,85). Outro fato importante é que 16 municípios, ou seja, mais da metade do total dos municípios da microrregião encontram-se abaixo da média da própria microrregião. Além disso, a diferença entre a menor e a maior renda *per capita* dentro da microrregião é mais que o dobro, sendo a menor renda *per capita* do município de Cristal do Sul (R\$430,67) e a maior renda *per capita* de Rondinha (1.022,85).

Ao comparar o ano de 2000 ao de 2010, percebe-se que a renda *per capita* dos municípios quase dobrou, porém esse aumento não acompanhou a mesma proporção do crescimento do PIB da microrregião, que cresceu mais que o triplo nesse mesmo período.

**Tabela 3 - Renda *per capita* (em R\$), segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen - 2000 e 2010**

| Municípios               | 2000          | 2010          |
|--------------------------|---------------|---------------|
| Alpestre                 | 267,81        | 625,11        |
| Ametista do Sul          | 394,83        | 611,20        |
| Caiçara                  | 415,22        | 712,77        |
| Constantina              | 466,21        | 732,39        |
| Cristal do Sul           | 168,02        | 430,67        |
| Dois Irmãos das Missões  | 310,62        | 446,59        |
| Engenho Velho            | 324,42        | 775,44        |
| Erval Seco               | 279,83        | 505,57        |
| Frederico Westphalen     | 582,20        | 875,03        |
| Gramado dos Loureiros    | 292,86        | 491,10        |
| Iraí                     | 493,62        | 564,49        |
| Liberato Salzano         | 284,12        | 551,91        |
| Nonoai                   | 399,45        | 634,06        |
| Novo Tiradentes          | 215,15        | 548,05        |
| Novo Xingu               | 359,08        | 847,22        |
| Palmitinho               | 417,31        | 652,86        |
| Pinheirinho do Vale      | 289,38        | 678,14        |
| Planalto                 | 371,68        | 531,04        |
| Rio dos Índios           | 259,36        | 442,12        |
| Rodeio Bonito            | 508,35        | 767,63        |
| Rondinha                 | 558,86        | 1.022,85      |
| Seberi                   | 375,70        | 645,51        |
| Taquaruçu do Sul         | 348,87        | 954,19        |
| Três Palmeiras           | 466,62        | 835,88        |
| Trindade do Sul          | 273,85        | 532,27        |
| Vicente Dutra            | 244,45        | 475,13        |
| Vista Alegre             | 363,55        | 905,87        |
| <b>Média</b>             | <b>360,42</b> | <b>659,08</b> |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>708,12</b> | <b>959,24</b> |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do PNUD; IPEA; FJP (2013)

É importante, também, analisar o grau de concentração da renda, pois sabe-se que quanto maior for o grau de desigualdade da renda, maior será o número de pessoas em situação de pobreza. Para isso, torna-se necessário utilizar o Índice de Gini (Tabela 4). Como visto no segundo capítulo, o índice varia de 0 a 1, sendo 0 a total igualdade de renda e 1 a total desigualdade de renda. Nesse aspecto a microrregião está à frente do estado já que, na média, o Índice de Gini dos municípios é 0,49 enquanto que o do estado é 0,54. Apesar disso,

a variação do índice dentro da própria microrregião é bastante alta, pois o menor índice é de 0,40 (Novo Tiradentes) e o maior é de 0,61 (Três Palmeiras).

Pode-se perceber que ao longo do período analisado houve uma melhora na distribuição de renda de 21 municípios da microrregião, tendo o índice de Planalto a maior variação (-0,14). Apesar disso, o grau de concentração da renda da microrregião ainda é bastante elevado e 6 municípios apresentaram variação positiva, ou seja, houve aumento no grau de concentração da renda nesses municípios.

**Tabela 4 - Índice de Gini, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen - 2000 e 2010**

| Municípios               | 2000        | 2010        |
|--------------------------|-------------|-------------|
| Alpestre                 | 0,59        | 0,49        |
| Ametista do Sul          | 0,57        | 0,58        |
| Caiçara                  | 0,57        | 0,47        |
| Constantina              | 0,52        | 0,45        |
| Cristal do Sul           | 0,52        | 0,45        |
| Dois Irmãos das Missões  | 0,63        | 0,50        |
| Engenho Velho            | 0,49        | 0,55        |
| Erval Seco               | 0,57        | 0,52        |
| Frederico Westphalen     | 0,54        | 0,47        |
| Gramado dos Loureiros    | 0,52        | 0,50        |
| Iraí                     | 0,64        | 0,54        |
| Liberato Salzano         | 0,52        | 0,43        |
| Nonoai                   | 0,62        | 0,50        |
| Novo Tiradentes          | 0,47        | 0,40        |
| Novo Xingu               | 0,33        | 0,41        |
| Palmitinho               | 0,54        | 0,42        |
| Pinheirinho do Vale      | 0,50        | 0,57        |
| Planalto                 | 0,58        | 0,44        |
| Rio dos Índios           | 0,57        | 0,49        |
| Rodeio Bonito            | 0,58        | 0,46        |
| Rondinha                 | 0,45        | 0,47        |
| Seberi                   | 0,57        | 0,52        |
| Taquaruçu do Sul         | 0,56        | 0,53        |
| Três Palmeiras           | 0,62        | 0,61        |
| Trindade do Sul          | 0,55        | 0,49        |
| Vicente Dutra            | 0,51        | 0,50        |
| Vista Alegre             | 0,48        | 0,57        |
| <b>Média</b>             | <b>0,54</b> | <b>0,49</b> |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>0,58</b> | <b>0,54</b> |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do PNUD; IPEA; FJP (2013)

Apesar de os indicadores acima terem apresentado uma melhora significativa no período de 2000 a 2010, ao analisar o rendimento mensal por classes das pessoas de 10 anos ou mais de idade no ano de 2010 (Tabela 5), pode-se perceber que a classe que possui o maior contingente populacional é a classe das pessoas sem rendimento, com 44.266 pessoas (29%).

Além disso, 48% da população ganha mais de  $\frac{1}{2}$  até 2 salários mínimos e apenas 1% ganha mais de 10 salários mínimos (Apêndice A). Essas informações corroboram os valores obtidos pelo Índice de Gini e na Tabela 3, pois demonstram claramente que a microrregião possui um grande número de indivíduos com poder aquisitivo baixo, bem como um elevado grau de concentração da renda.

**Tabela 5 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento nominal mensal, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen - 2010**

| Classes de rendimento nominal mensal (salário mínimo) (1) |                  |                  |                    |                  |
|---|------------------|------------------|--------------------|------------------|
| Municípios  | Mais de 1/2 a 1  | Mais de 1 a 2    | Sem rendimento (2) | Total (3)        |
| Alpestre  | 2.259            | 1.296            | 1.811              | 5.366            |
| Ametista do Sul   | 1.838            | 1.262            | 1.822              | 4.922            |
| Caiçara   | 1.173            | 908              | 1.247              | 3.328            |
| Constantina   | 2.568            | 1.573            | 2.859              | 7.000            |
| Cristal do Sul  | 760              | 393              | 618                | 1.771            |
| Dois Irmãos das Missões                                   | 515              | 268              | 716                | 1.499            |
| Engenho Velho   | 269              | 270              | 395                | 934              |
| Erval Seco  | 1.913            | 1.166            | 2.148              | 5.227            |
| Frederico Westphalen                                      | 5.947            | 6.096            | 6.779              | 18.822           |
| Gramado dos Loureiros                                     | 559              | 396              | 623                | 1.578            |
| Iraí  | 2.080            | 1.107            | 2.342              | 5.529            |
| Liberato Salzano  | 1.607            | 1.030            | 1.299              | 3.936            |
| Nonoai  | 2.899            | 1.998            | 3.233              | 8.130            |
| Novo Tiradentes   | 682              | 410              | 386                | 1.478            |
| Novo Xingu  | 427              | 426              | 324                | 1.177            |
| Palmitinho  | 1.718            | 1.283            | 1.763              | 4.764            |
| Pinheirinho do Vale                                       | 967              | 856              | 1.315              | 3.138            |
| Planalto  | 2.789            | 1.669            | 2.623              | 7.081            |
| Rio dos Índios  | 993              | 450              | 1.045              | 2.488            |
| Rodeio Bonito   | 1.395            | 1.237            | 989                | 3.621            |
| Rondinha  | 1.275            | 1.073            | 1.384              | 3.732            |
| Seberi  | 2.942            | 1.702            | 2.605              | 7.249            |
| Taquaruçu do Sul  | 733              | 540              | 767                | 2.040            |
| Três Palmeiras  | 1.136            | 791              | 981                | 2.908            |
| Trindade do Sul   | 1.370            | 982              | 1.605              | 3.957            |
| Vicente Dutra   | 1.320            | 596              | 1.752              | 3.668            |
| Vista Alegre  | 586              | 453              | 835                | 1.874            |
| <b>Total</b>  | <b>42.720</b>    | <b>30.231</b>    | <b>44.266</b>      | <b>117.217</b>   |
| <b>Rio Grande do Sul</b>                                  | <b>1.874.200</b> | <b>2.378.566</b> | <b>2.694.234</b>   | <b>6.947.000</b> |

Fonte: Elaboração própria com base dos dados do IBGE (2010)

(1) Salário mínimo utilizado: R\$ 510,00. (2) Inclusive as pessoas que recebiam somente em benefícios. (3) Inclusive as pessoas sem declaração de rendimento nominal mensal.

Os dados apresentados nessa seção demonstram que a microrregião, de forma geral, possui renda inferior à do estado e que a pobreza está presente na maioria dos municípios. Buscando ter uma noção da extensão da pobreza monetária na microrregião, poderia-se definir a linha de pobreza em 2 salários mínimos/mês por pessoa, como Comim e Bagolin

(2002, p. 14) sugeriram. A partir disso, se constataria que 87% da população é pobre, pois recebe até 2 salários mínimos por mês.

Analisando as tabelas com base na evolução econômica e social da microrregião, abordada no terceiro capítulo, percebe-se que os valores obtidos estão diretamente relacionados à forma como a microrregião foi colonizada. Os baixos valores obtidos no quesito renda estão ligados à estrutura produtiva da microrregião que é baseada, principalmente, na agricultura familiar, onde as pessoas cultivam produtos para o consumo próprio e vendem o excedente, que geralmente não é muito alto, como forma de obter dinheiro para adquirir bens de consumo que não são produzidos nas propriedades.

A distribuição de renda também está relacionada aos aspectos apresentados no terceiro capítulo, pois, como visto, a ocupação da região ocorreu de forma diferente da metade sul do estado, com o prevalecimento da pequena propriedade e da policultura, o que gerou uma maior distribuição da renda entre os habitantes dessa região em detrimento do restante do estado.

#### 4.2 INDICADORES MULTIDIMENSIONAIS

Como visto no segundo capítulo, não existe um indicador que agregue todas as variáveis essenciais para medir a pobreza através da multidimensionalidade. Por isso, serão abordados nessa seção alguns dos inúmeros indicadores que, de alguma forma, estão relacionados à qualidade de vida dos indivíduos e que contribuem para que as pessoas exerçam suas *capabilities*.

O primeiro indicador a ser avaliado está ligado à saúde, que é a taxa de mortalidade infantil (Tabela 6). Esse indicador pode refletir diversos aspectos em relação à qualidade da saúde na microrregião. Uma alta taxa de mortalidade infantil pode estar associada tanto à falta de acesso aos hospitais e postos de saúde quanto à falta de informação das mulheres no que diz respeito aos cuidados pré-natais necessários para o bom desenvolvimento da criança e para a própria saúde da gestante.

Novamente, é possível verificar que a taxa de mortalidade infantil média da região é maior que a do estado, fato que não gera surpresa, tendo em vista que a microrregião possui um elevado contingente populacional vivendo na zona rural e que, provavelmente, residem longe dos hospitais e postos de saúde, o que dificulta o acesso a esses serviços.

**Tabela 6 – Taxa de mortalidade infantil,  
segundo os municípios da microrregião de  
Frederico Westphalen - 2010**

| Municípios               | 2010        |
|--------------------------|-------------|
| Alpestre                 | 16,1        |
| Ametista do Sul          | 14,8        |
| Caiçara                  | 14,1        |
| Constantina              | 8,90        |
| Cristal do Sul           | 13,4        |
| Dois Irmãos das Missões  | 15,9        |
| Engenho Velho            | 13,8        |
| Erval Seco               | 13,8        |
| Frederico Westphalen     | 12,5        |
| Gramado dos Loureiros    | 12,9        |
| Iraí                     | 14,0        |
| Liberato Salzano         | 14,7        |
| Nonoai                   | 12,8        |
| Novo Tiradentes          | 15,2        |
| Novo Xingu               | 11,4        |
| Palmitinho               | 12,6        |
| Pinheirinho do Vale      | 13,2        |
| Planalto                 | 15,0        |
| Rio dos Índios           | 15,3        |
| Rodeio Bonito            | 12,0        |
| Rondinha                 | 12,0        |
| Seberi                   | 10,3        |
| Taquaruçu do Sul         | 13,0        |
| Três Palmeiras           | 12,9        |
| Trindade do Sul          | 16,9        |
| Vicente Dutra            | 14,8        |
| Vista Alegre             | 12,0        |
| <b>Média</b>             | <b>13,5</b> |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>12,4</b> |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do PNUD; IPEA; FJP (2013)

O segundo indicador a ser analisado refere-se à variável educação, que é a taxa de alfabetização das pessoas com 5 anos ou mais de idade (Tabela 7). Mais uma vez os valores da microrregião encontram-se abaixo dos valores do estado. Dos 27 municípios, apenas Frederico Westphalen e Rondinha possuem uma taxa de alfabetização maior que a do estado e no caso do município de Frederico Westphalen essa taxa pode estar associada ao fato de o município contar com diversas universidades. A menor taxa de alfabetização encontra-se no

grupo das pessoas com 60 anos ou mais (Apêndice B) e reflete claramente a fase pela qual a microrregião estava passando (segunda fase) na época que essas pessoas estavam em idade escolar, visto que a proporção de pessoas vivendo na zona rural e afastadas da zona urbana era muito maior que a proporção exposta na Tabela 7, a quantidade de escolas era bem menor, e havia a cultura de que as crianças deveriam trabalhar desde cedo, gerando um alto índice de evasão escolar.

**Tabela 7 - Taxa de alfabetização (em %) das pessoas de 5 anos ou mais de idade, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen - 2010**

| Municípios               | Total       |
|--------------------------|-------------|
| Alpestre                 | 87,4        |
| Ametista do Sul          | 87,7        |
| Caiçara                  | 91,6        |
| Constantina              | 91,4        |
| Cristal do Sul           | 88,0        |
| Dois Irmãos das Missões  | 87,9        |
| Engenho Velho            | 89,9        |
| Ervat Seco               | 88,0        |
| Frederico Westphalen     | 94,4        |
| Gramado dos Loureiros    | 87,7        |
| Iraí                     | 89,9        |
| Liberato Salzano         | 87,6        |
| Nonoai                   | 89,0        |
| Novo Tiradentes          | 85,3        |
| Novo Xingu               | 94,0        |
| Palmitinho               | 90,6        |
| Pinheirinho do Vale      | 88,5        |
| Planalto                 | 88,9        |
| Rio dos Índios           | 86,2        |
| Rodeio Bonito            | 90,9        |
| Rondinha                 | 95,6        |
| Seberi                   | 91,4        |
| Taquaruçu do Sul         | 90,7        |
| Três Palmeiras           | 88,9        |
| Trindade do Sul          | 89,1        |
| Vicente Dutra            | 88,6        |
| Vista Alegre             | 92,0        |
| <b>Total</b>             | <b>90,4</b> |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>94,1</b> |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2010)

Além dos indicadores analisados acima, faz-se necessária uma análise das condições de habitação dos moradores da microrregião. Para isso, foram tabelados dados referentes à disponibilidade de água encanada, energia elétrica, banheiro ou sanitário, rede de esgoto e ao destino do lixo.

No que diz respeito à forma de abastecimento de água (Tabela 8), dos 57.017 domicílios, 43.479 possuem abastecimento de água através da rede geral de distribuição, o que corresponde a 76% dos domicílios, número bastante considerável e possivelmente reflexo do programa do Governo Federal “Água para Todos”, porém ainda abaixo do valor obtido pelo estado, que possui 85% de domicílios abastecidos pela rede geral de distribuição. Além disso, 17% dos domicílios são abastecidos através de poço ou nascente na propriedade e 7% possuem outras formas de abastecimento, o que pode trazer problemas de saúde para a população, como a dengue, por exemplo, se não houver uma fiscalização eficiente que garanta o tratamento adequado dessa água.

**Tabela 8 - Domicílios particulares permanentes, por forma de abastecimento de água, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen - 2010**

| Municípios               | Rede geral de distribuição | Poço ou nascente na propriedade | Outra          | Total            |
|--------------------------|----------------------------|---------------------------------|----------------|------------------|
| Alpestre                 | 1.070                      | 1.342                           | 275            | 2.687            |
| Ametista do Sul          | 1.518                      | 602                             | 271            | 2.391            |
| Caiçara                  | 871                        | 611                             | 139            | 1.621            |
| Constantina              | 2.691                      | 58                              | 313            | 3.062            |
| Cristal do Sul           | 798                        | 110                             | 46             | 954              |
| Dois Irmãos das Missões  | 572                        | 105                             | 37             | 714              |
| Engenho Velho            | 425                        | 1                               | 7              | 433              |
| Erval Seco               | 1.903                      | 367                             | 334            | 2.604            |
| Frederico Westphalen     | 8.443                      | 709                             | 369            | 9.521            |
| Gramado dos Loureiros    | 641                        | 50                              | 31             | 722              |
| Iraí                     | 1.677                      | 535                             | 429            | 2.641            |
| Liberato Salzano         | 1.603                      | 75                              | 149            | 1.827            |
| Nonoai                   | 3.406                      | 374                             | 157            | 3.937            |
| Novo Tiradentes          | 693                        | 25                              | 3              | 721              |
| Novo Xingu               | 556                        | 19                              | 0              | 575              |
| Palmitinho               | 1.523                      | 613                             | 155            | 2.291            |
| Pinheirinho do Vale      | 700                        | 579                             | 153            | 1.432            |
| Planalto                 | 2.328                      | 916                             | 209            | 3.453            |
| Rio dos Índios           | 452                        | 536                             | 182            | 1.170            |
| Rodeio Bonito            | 1.821                      | 62                              | 128            | 2.011            |
| Rondinha                 | 1.577                      | 76                              | 17             | 1.670            |
| Seberi                   | 2.929                      | 466                             | 291            | 3.686            |
| Taquaruçu do Sul         | 736                        | 130                             | 48             | 914              |
| Três Palmeiras           | 1.267                      | 127                             | 31             | 1.425            |
| Trindade do Sul          | 1.534                      | 354                             | 66             | 1.954            |
| Vicente Dutra            | 1.219                      | 405                             | 94             | 1.718            |
| Vista Alegre             | 526                        | 203                             | 154            | 883              |
| <b>Total</b>             | <b>43.479</b>              | <b>9.450</b>                    | <b>4.088</b>   | <b>57.017</b>    |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>3.071.715</b>           | <b>405.259</b>                  | <b>122.630</b> | <b>3.599.604</b> |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2010)

Outro indicador importante para medir a qualidade de vida dos indivíduos é a existência de energia elétrica nos domicílios (Tabela 9). Dos domicílios da microrregião, 99% possuem energia elétrica proveniente de companhia distribuidora, ou seja, devidamente regulamentada. Esse alto índice de domicílios que possuem energia elétrica provavelmente está ligado ao programa do Governo Federal “Luz para Todos”.

**Tabela 9 - Domicílios particulares permanentes, por existência de energia elétrica, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen - 2010**

| Municípios               | De companhia distribuidora | De outra fonte | Não tinham    | Total            |
|--------------------------|----------------------------|----------------|---------------|------------------|
| Alpestre                 | 2.655                      | 1              | 31            | 2.687            |
| Ametista do Sul          | 2.373                      | 3              | 15            | 2.391            |
| Caíçara                  | 1.606                      | 8              | 7             | 1.621            |
| Constantina              | 3.011                      | 35             | 16            | 3.062            |
| Cristal do Sul           | 946                        | 1              | 7             | 954              |
| Dois Irmãos das Missões  | 702                        | 3              | 9             | 714              |
| Engenho Velho            | 431                        | 1              | 1             | 433              |
| Erval Seco               | 2.561                      | 7              | 36            | 2.604            |
| Frederico Westphalen     | 9.457                      | 32             | 32            | 9.521            |
| Gramado dos Loureiros    | 716                        | 1              | 5             | 722              |
| Iraí                     | 2.595                      | 2              | 44            | 2.641            |
| Liberato Salzano         | 1.807                      | -              | 20            | 1.827            |
| Nonoai                   | 3.894                      | 11             | 32            | 3.937            |
| Novo Tiradentes          | 716                        | 1              | 4             | 721              |
| Novo Xingu               | 575                        | -              | -             | 575              |
| Palmitinho               | 2.275                      | 3              | 13            | 2.291            |
| Pinheirinho do Vale      | 1.419                      | 4              | 9             | 1.432            |
| Planalto                 | 3.415                      | -              | 38            | 3.453            |
| Rio dos Índios           | 1.156                      | -              | 14            | 1.170            |
| Rodeio Bonito            | 2.004                      | 1              | 6             | 2.011            |
| Rondinha                 | 1.665                      | -              | 5             | 1.670            |
| Seberi                   | 3.652                      | 11             | 23            | 3.686            |
| Taquaruçu do Sul         | 910                        | -              | 4             | 914              |
| Três Palmeiras           | 1.412                      | 2              | 11            | 1.425            |
| Trindade do Sul          | 1.932                      | 1              | 21            | 1.954            |
| Vicente Dutra            | 1.693                      | 1              | 24            | 1.718            |
| Vista Alegre             | 873                        | 2              | 8             | 883              |
| <b>Total</b>             | <b>56.451</b>              | <b>131</b>     | <b>435</b>    | <b>57.017</b>    |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>3.574.128</b>           | <b>12.591</b>  | <b>12.885</b> | <b>3.599.604</b> |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2010)

A existência de banheiro ou sanitário e o tipo de esgotamento sanitário (Tabela 10) também é um indicador importante para medir o bem-estar dos indivíduos. Apesar de 98% dos domicílios possuírem banheiro ou sanitário, o fato de a maior parte deles possuir outro tipo de esgotamento sanitário que não a rede geral de esgoto ou pluvial e a fossa séptica, chama atenção. A existência de banheiro ou sanitário não necessariamente implica que a moradia esteja adequada no que diz respeito à higiene, pois os resíduos podem estar sendo

dispensados em arroyos próximos aos domicílios ou até mesmo nas ruas e nos pátios das casas. Por isso, é necessário que os domicílios possuam, além do banheiro ou sanitário, uma rede de esgoto que leve os resíduos até estações onde receberão o tratamento adequado.

**Tabela 10 - Domicílios particulares permanentes, por existência de banheiro ou sanitário e tipo de esgotamento sanitário, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen - 2010**

| Municípios                      | Existência de banheiro ou sanitário |                |                |                  |               |                  |
|---------------------------------|-------------------------------------|----------------|----------------|------------------|---------------|------------------|
|                                 | Tinham                              |                |                |                  | Não tinham    | Total            |
|                                 | Tipo de esgotamento sanitário       |                |                | Total            |               |                  |
| Rede geral de esgoto ou pluvial | Fossa séptica                       | Outro          |                |                  |               |                  |
| Alpestre                        | 139                                 | 337            | 2.160          | 2.636            | 51            | 2.687            |
| Ametista do Sul                 | 58                                  | 635            | 1.638          | 2.331            | 60            | 2.391            |
| Caiçara                         | 50                                  | 448            | 1.098          | 1.596            | 25            | 1.621            |
| Constantina                     | 134                                 | 1.124          | 1.795          | 3.053            | 9             | 3.062            |
| Cristal do Sul                  | 4                                   | 165            | 753            | 922              | 32            | 954              |
| Dois Irmãos das Missões         | 13                                  | 50             | 638            | 701              | 13            | 714              |
| Engenho Velho                   | 6                                   | 101            | 319            | 426              | 7             | 433              |
| Erval Seco                      | 118                                 | 362            | 2.049          | 2.529            | 75            | 2.604            |
| Frederico Westphalen            | 5.005                               | 1.594          | 2.849          | 9.448            | 73            | 9.521            |
| Gramado dos Loureiros           | -                                   | 480            | 226            | 706              | 16            | 722              |
| Iraí                            | 421                                 | 211            | 1.936          | 2.568            | 73            | 2.641            |
| Liberato Salzano                | 13                                  | 105            | 1.685          | 1.803            | 24            | 1.827            |
| Nonoai                          | 98                                  | 910            | 2.847          | 3.855            | 82            | 3.937            |
| Novo Tiradentes                 | -                                   | 130            | 573            | 703              | 18            | 721              |
| Novo Xingu                      | -                                   | 170            | 404            | 574              | 1             | 575              |
| Palmitinho                      | 204                                 | 824            | 1.218          | 2.246            | 45            | 2.291            |
| Pinheirinho do Vale             | 10                                  | 238            | 1.167          | 1.415            | 17            | 1.432            |
| Planalto                        | 127                                 | 993            | 2.244          | 3.364            | 89            | 3.453            |
| Rio dos Índios                  | 1                                   | 43             | 1.071          | 1.115            | 55            | 1.170            |
| Rodeio Bonito                   | 20                                  | 482            | 1.500          | 2.002            | 9             | 2.011            |
| Rondinha                        | 251                                 | 373            | 1.045          | 1.669            | 1             | 1.670            |
| Seberi                          | 167                                 | 418            | 3.053          | 3.638            | 48            | 3.686            |
| Taquaruçu do Sul                | -                                   | 277            | 622            | 899              | 15            | 914              |
| Três Palmeiras                  | 39                                  | 367            | 997            | 1.403            | 22            | 1.425            |
| Trindade do Sul                 | 28                                  | 488            | 1.387          | 1.903            | 51            | 1.954            |
| Vicente Dutra                   | 49                                  | 751            | 870            | 1.670            | 48            | 1.718            |
| Vista Alegre                    | 1                                   | 176            | 696            | 873              | 10            | 883              |
| <b>Total</b>                    | <b>6.956</b>                        | <b>12.252</b>  | <b>36.840</b>  | <b>56.048</b>    | <b>969</b>    | <b>57.017</b>    |
| <b>Rio Grande do Sul</b>        | <b>1.731.575</b>                    | <b>952.483</b> | <b>891.932</b> | <b>3.575.990</b> | <b>23.614</b> | <b>3.599.604</b> |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2010)

O último dado avaliado no que se refere à condição das moradias da população da microrregião é a forma de destino do lixo (Tabela 11). Apesar de mais da metade dos domicílios (61%) possuem coleta de lixo diretamente por serviço de limpeza, esse número fica bem abaixo da proporção do estado, onde 86% dos domicílios encaixam-se nessa classe.

**Tabela 11 - Domicílios particulares permanentes, por forma de destino do lixo, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen - 2010**

| Municípios               | Coletado                           |                                  |                | Total            |
|--------------------------|------------------------------------|----------------------------------|----------------|------------------|
|                          | Diretamente por serviço de limpeza | Em caçamba de serviço de limpeza | Outro          |                  |
| Alpestre                 | 830                                | 50                               | 1.807          | 2.687            |
| Ametista do Sul          | 1.394                              | 21                               | 976            | 2.391            |
| Caiçara                  | 947                                | 2                                | 672            | 1.621            |
| Constantina              | 2.208                              | 347                              | 507            | 3.062            |
| Cristal do Sul           | 324                                | 12                               | 618            | 954              |
| Dois Irmãos das Missões  | 406                                | 10                               | 298            | 714              |
| Engenho Velho            | 224                                | 52                               | 157            | 433              |
| Erval Seco               | 1.596                              | 186                              | 822            | 2.604            |
| Frederico Westphalen     | 8.118                              | 88                               | 1.315          | 9.521            |
| Gramado dos Loureiros    | 93                                 | 446                              | 183            | 722              |
| Iraí                     | 1.538                              | 160                              | 943            | 2.641            |
| Liberato Salzano         | 499                                | 179                              | 1.149          | 1.827            |
| Nonoai                   | 2.999                              | 33                               | 905            | 3.937            |
| Novo Tiradentes          | 215                                | 4                                | 502            | 721              |
| Novo Xingu               | 227                                | 158                              | 190            | 575              |
| Palmitinho               | 1.111                              | 286                              | 894            | 2.291            |
| Pinheirinho do Vale      | 558                                | 148                              | 726            | 1.432            |
| Planalto                 | 2.278                              | 26                               | 1.149          | 3.453            |
| Rio dos Índios           | 266                                | 5                                | 899            | 1.170            |
| Rodeio Bonito            | 1.484                              | 65                               | 462            | 2.011            |
| Rondinha                 | 1.042                              | 121                              | 507            | 1.670            |
| Seberi                   | 2.718                              | 203                              | 765            | 3.686            |
| Taquaruçu do Sul         | 766                                | 22                               | 126            | 914              |
| Três Palmeiras           | 754                                | 12                               | 659            | 1.425            |
| Trindade do Sul          | 1.072                              | 363                              | 519            | 1.954            |
| Vicente Dutra            | 808                                | 7                                | 903            | 1.718            |
| Vista Alegre             | 477                                | 1                                | 405            | 883              |
| <b>Total</b>             | <b>34.952</b>                      | <b>3.007</b>                     | <b>19.058</b>  | <b>57.017</b>    |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>3.099.838</b>                   | <b>214.587</b>                   | <b>285.179</b> | <b>3.599.604</b> |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2010)

Por fim, faz-se necessário observar o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), elaborado pelo PNUD, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pela Fundação João Pinheiro (FJP). O IDHM considera as mesmas dimensões do IDH (longevidade, educação e renda), também varia de 0 a 1 e é dividido em 5 faixas: muito baixo (0 a 0,499), baixo (0,500 a 0,599), médio (0,600 a 0,699), alto (0,700 a 0,799) e muito alto (0,800 a 1); o diferencial está no fato de o índice adequar “a metodologia global ao contexto brasileiro e à disponibilidade de indicadores nacionais” (PNUD; IPEA; FJP, 2013). Apesar de medir o desenvolvimento dos municípios e não a pobreza propriamente dita, o IDHM pode ser utilizado para mensurar a qualidade de vida das pessoas, pois as três dimensões utilizadas no cálculo do índice são requisitos importantes para a expansão das liberdades dos indivíduos.

Analisando os dados dos municípios da microrregião (Tabela 12), pode-se perceber que houve um aumento considerável no IDHM. Na média, o IDHM foi de baixo, em 2000, para alto, em 2010, enquanto que no Rio Grande do Sul o índice evoluiu de médio, em 2000, para alto, em 2010. Ainda assim, o IDHM médio da microrregião fica abaixo do IDHM do estado, possuindo apenas 4 municípios com IDHM acima do estado.

Ao estratificar o índice (Apêndice C), percebe-se que a dimensão que possui o maior impacto negativo sobre o IDHM é a educação (faixa média de desenvolvimento) e a que possui o maior impacto positivo é a longevidade (faixa muito alta de desenvolvimento).

**Tabela 12 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal,  
segundo os municípios da microrregião de Frederico  
Westphalen - 2000 e 2010**

| Municípios               | 2000         | 2010         |
|--------------------------|--------------|--------------|
| Alpestre                 | 0,524        | 0,671        |
| Ametista do Sul          | 0,539        | 0,682        |
| Caiçara                  | 0,612        | 0,699        |
| Constantina              | 0,630        | 0,754        |
| Cristal do Sul           | 0,516        | 0,660        |
| Dois Irmãos das Missões  | 0,559        | 0,670        |
| Engenho Velho            | 0,533        | 0,717        |
| Erval Seco               | 0,538        | 0,685        |
| Frederico Westphalen     | 0,683        | 0,760        |
| Gramado dos Loureiros    | 0,573        | 0,685        |
| Iraí                     | 0,595        | 0,691        |
| Liberato Salzano         | 0,521        | 0,685        |
| Nonoai                   | 0,584        | 0,702        |
| Novo Tiradentes          | 0,538        | 0,676        |
| Novo Xingu               | 0,585        | 0,767        |
| Palmitinho               | 0,615        | 0,720        |
| Pinheirinho do Vale      | 0,530        | 0,710        |
| Planalto                 | 0,587        | 0,687        |
| Rio dos Índios           | 0,512        | 0,656        |
| Rodeio Bonito            | 0,642        | 0,732        |
| Rondinha                 | 0,650        | 0,764        |
| Seberi                   | 0,597        | 0,723        |
| Taquaruçu do Sul         | 0,588        | 0,739        |
| Três Palmeiras           | 0,594        | 0,703        |
| Trindade do Sul          | 0,561        | 0,687        |
| Vicente Dutra            | 0,489        | 0,638        |
| Vista Alegre             | 0,632        | 0,739        |
| <b>Média</b>             | <b>0,575</b> | <b>0,704</b> |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>0,664</b> | <b>0,746</b> |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do PNUD; IPEA; FJP (2013)

Os indicadores que foram utilizados nessa seção ilustram, de uma forma simples, a proposta da Abordagem das Capacitações de Amartya Sen. Conforme visto no segundo capítulo, a abordagem multidimensional de Sen avalia a pobreza de acordo com os funcionamentos dos indivíduos, ou seja, aquilo que eles podem ser e fazer e com as capacitações, ou seja, o conjunto de funcionamentos que eles conseguem realizar.

É importante destacar que a abordagem de Sen também leva em consideração a renda dos indivíduos, o diferencial está no fato de essa abordagem utilizar a renda como um dos diversos instrumentos utilizados para mensurar a pobreza e não como variável principal. É isso que a torna uma abordagem tão importante para a mensuração da pobreza, pois ela a analisa através de uma perspectiva qualitativa, sempre colocando o bem-estar do indivíduo em primeiro lugar.

Conforme pôde-se observar, os indicadores aqui apresentados demonstraram que a microrregião de Frederico Westphalen possui muitos aspectos a serem desenvolvidos no que diz respeito à qualidade de vida de seus habitantes. Nota-se que muitos indivíduos provavelmente não estão exercendo suas capacitações, pois não possuem meios adequados para se desenvolverem adequadamente, tendo em vista que em todos os indicadores analisados nessa seção (saúde, educação, infraestrutura) a microrregião ficou abaixo do estado. Esses resultados podem estar diretamente relacionados à principal atividade produtiva da microrregião que é a agropecuária, pois ela possui baixo valor agregado: é pouco intensiva em capital, o que torna um alto nível de escolaridade da mão-de-obra empregada desnecessário, e que conseqüentemente faz com que a remuneração nesse setor seja baixa, impedindo que grande parte das pessoas empregadas nessa atividade tenham acesso a serviços e bens básicos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo proposto por esse trabalho foi analisar a pobreza rural na microrregião de Frederico Westphalen através da abordagem monetária e da abordagem das capacitações. Para que a análise fosse possível, dividiu-se o trabalho em 3 capítulos, além da introdução e dessas considerações finais.

No segundo capítulo foi realizada uma revisão teórica, a partir de estudos de autores conceituados, acerca das diferentes formas que existem para definir o que é pobreza. Partiu-se da abordagem monetária, que considera a renda como principal variável na mensuração da pobreza, passando pelos conceitos de pobreza relativa e absoluta, linhas de pobreza e de indigência e pela abordagem das necessidades básicas até chegar na Abordagem das Capacitações, de Amartya Sen.

A utilização dessas diferentes abordagens fez-se necessária devido ao caráter complexo da pobreza, conforme exposto ao longo do trabalho. Ficou claro, durante o desenvolvimento do trabalho, que para uma melhor análise desse fenômeno é necessário levar em consideração tanto os rendimentos dos indivíduos quanto os aspectos que englobam variáveis qualitativas como saúde, educação, moradia, entre outras.

Finalizando a parte teórica, partiu-se para a descrição da evolução histórica e econômica da microrregião, indo desde a forma como a região foi colonizada até a atual conjuntura econômica e social, que passou de uma economia baseada principalmente na agricultura familiar de pequena propriedade e de policultura para uma economia mais especializada com predominância do trinômio soja/milho/trigo. Essa caracterização da microrregião foi relevante para que a análise dos dados, proposta para o quarto capítulo, fosse viável, pois muitos indicadores refletem o modo como a sociedade se organizou ao longo dos anos.

Para trazer à prática a teoria exposta no segundo capítulo e a evolução histórica exposta no terceiro, construiu-se a análise do quarto capítulo a partir dos dados do Censo Demográfico de 2010 e dos dados disponibilizados pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013 para os anos de 2000 e 2010. Optou-se por utilizar os dados de 2010 e, quando possível, de 2000 para que a análise tivesse uma certa linearidade a fim de que as comparações entre os indicadores ficassem mais precisas. Sendo assim, elaborou-se diversas tabelas, de acordo com os municípios da microrregião.

Por questões de tempo, não se pôde fazer uma análise mais aprofundada dos diversos indicadores que existem e que podem ser utilizados para mensurar a pobreza, tanto pela ótica

unidimensional quanto multidimensional. Apesar disso, ficou claro que a pobreza manifesta-se de diferentes formas.

Uma dessas formas é a clara insuficiência de renda de grande parte da população, como visto na seção 4.1. Os níveis alcançados por essa variável ficaram abaixo do estado em praticamente todos os municípios analisados. Apesar de a desigualdade de renda ser menor na microrregião se comparada ao estado, o alto contingente populacional vivendo sem rendimento algum é uma questão preocupante.

No que diz respeito aos indicadores multidimensionais, optou-se por averiguar três variáveis: saúde, educação e infraestrutura. Para medir a intensidade da pobreza a partir da saúde, verificou-se a taxa de mortalidade infantil, na esfera educacional optou-se pela taxa de alfabetização e no que se refere à infraestrutura, foram analisados aspectos relacionados a fornecimento de energia elétrica, saneamento, distribuição de água e destino do lixo. Além disso, analisou-se o IDHM que, apesar de não medir a pobreza propriamente dita, e sim o desenvolvimento, utiliza variáveis importantes que podem ser utilizadas para elucidar a qualidade de vida dos habitantes dos municípios em questão. Também na análise dos indicadores multidimensionais os valores alcançados pelos municípios ficaram aquém do estado, principalmente na variável educação.

A comparação entre os dados obtidos pelos municípios da microrregião e os valores obtidos pelo estado mostrou-se relevante, mesmo o estado sendo bastante heterogêneo. Apesar disso, sabe-se que existem diversas maneiras de comparar os diferentes indicadores aqui apresentados e espera-se que esse trabalho sirva como ponto de partida para a elaboração dessas diferentes comparações.

Em suma, constatou-se que a pobreza está presente em todos os municípios da microrregião e que ela se manifesta em todas as variáveis analisadas, porém com intensidades diferentes. Por isso, tanto a renda quanto as variáveis qualitativas são extremamente importantes quando se pretende mensurar a pobreza. Quanto mais variáveis forem utilizadas para medir a pobreza melhor será a análise e melhor será o direcionamento das políticas públicas que tem como principal objetivo erradicá-la.

## REFERÊNCIAS

- ARNS, C.E.; PIOVEZANA, L. Desenvolvimento econômico na microrregião de Frederico Westphalen (RS). **Revista Grifos**, Chapecó, n°. 24, p. 61-74, 2008. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/244/107>>. Acesso em: 20 abr. 2014
- BANDEIRA, P. Origens, evolução e situação atual das desigualdades regionais no Rio Grande do Sul. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C. **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: Editora UNESP: ANPUR, 2003.
- COMIM, F.; BAGOLIN, I. Aspectos qualitativos da pobreza no Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 1., 2002, Porto Alegre. **Anais...** Disponível em: <[http://www.fee.tche.br/sitefee/download/eeg/1/mesa\\_4\\_comim\\_bagolin.pdf](http://www.fee.tche.br/sitefee/download/eeg/1/mesa_4_comim_bagolin.pdf)>. Acesso em: 3 abr. 2014
- CONTERATO, M. A.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A dinâmica agrícola do desenvolvimento da agricultura familiar no Alto Uruguai/RS: suas metamorfoses e reações locais. In: SABOURIN, E.; TONNEAU, J. P. (Org.). **Agricultura familiar: interação entre políticas públicas e dinâmicas locais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, v. 1, p. 47-60. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/405.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA - FEE. **Microrregiões geográficas (IBGE), Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, set. 2011. Disponível em: <<http://mapas.fee.tche.br/wp-content/uploads/2011/11/Microrregioes.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2014
- \_\_\_\_\_. **PIB Municipal – série histórica com informações municipais (1999-2011)**. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/pib-rs/municipal/serie-historica/>>. Acesso em: 26 mai. 2014
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010: resultados do universo - características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010universo.asp?o=7&i=P>>. Acesso em: 23 abr. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Nível territorial: microrregião geográfica**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/territorio/infounit.asp?codunit=6474&codunitibge=43003&nomeunit=Frederico+Westphalen+-+RS&n=9&nomenivel=Microrregi%C3%A3o+Geogr%C3%A1fica&z=t&o=4>>. Acesso em: 30 abr. 2014
- KÜHN, D. D. **Oportunidades, ruralidade e pobreza no Rio Grande do Sul: as relações apresentadas pela abordagem das capacitações nos municípios gaúchos**. 64 f. Tese (Doutorado) – UFRGS. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15330/000676800.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 2 jun. 2014

KÜHN, D. D. *et al.* Pobreza no Rio Grande do Sul: a heterogeneidade revelada pela abordagem das capacitações nos municípios gaúchos. **Teoria e Evidência Econômica**, Passo Fundo, RS, v. 14, n. 26, p. 113-134, 2006. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/475.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2014

LACERDA, F.C. C. Significados da pobreza na sociedade contemporânea. In: MIRANDA, C; TIBURCIO, B. **A nova cara da pobreza rural**: desafios para as políticas públicas. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2012, Parte 2, Cap. 1, p. 205-239 (Série Desenvolvimento Sustentável, v. 16).

MARTINS, C. H. B.; WINCK JUNIOR, M. V. **Pobreza extrema em municípios do Rio Grande do Sul**: evidências da multidimensionalidade. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://cdn.fee.tche.br/tds/114.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2014

MATTOS, E. J. de; WAQUIL, P. D. Pobreza rural no Rio Grande do Sul: comparando abordagens. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 28, Número Especial, p. 615-642, 2008. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/2149>>. Acesso em: 6 abr. 2014.

MONTEIRO, Carlos. **O mapa da pobreza no Brasil**. Brasília: Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, 1991, 15 p. (Texto para Discussão 1).

OLIVEIRA, R. B. de.; BUAINAIN, A. M.; NEDER, H. D. Pobreza: conceitos e mensuração. In: MIRANDA, C; TIBURCIO, B. **A nova cara da pobreza rural**: desafios para as políticas públicas. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2012, Parte 2, Cap. 2, p. 241-258 (Série Desenvolvimento Sustentável, v. 16).

PELEGRINI, G.; GAZOLLA, M. **A agroindústria familiar no Rio Grande do Sul**: limites e potencialidades a sua reprodução social. Frederico Westphalen: Ed. da URI, 2008.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD. **O que é o IDH**. Brasília, 2014. Disponível em: <[http://www.pnud.org.br/IDH/IDH.aspx?índiceAccordion=0&li=li\\_IDH](http://www.pnud.org.br/IDH/IDH.aspx?índiceAccordion=0&li=li_IDH)>. Acesso em: 06 abr. 2014.

\_\_\_\_\_. **Relatório de desenvolvimento humano 2010**. Nova Iorque, 2010. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/content/human-development-report-2010>> Acesso em 05 abr. 2014.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD; INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO – FJP. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil 2013**. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/home/>>. Acesso em: 26 mai. 2014

ROCHA, S. **Pobreza no Brasil**: afinal, de que se trata? Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SALAMA, P.; DESTREMAU, B. **O tamanho da pobreza**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WAIBEL, L. Princípios de colonização européia no sul do Brasil. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Ano 11, n.º 2, Rio de Janeiro, IBGE. 1949, p. 159-222.

WOLFFENBÜTTEL, A. O que é? Índice de Gini. **Desafios do Desenvolvimento**. Brasília, Ano 1, Ed. 4, p. 80, 2004. Disponível em:  
<[http://desafios.ipea.gov.br/images/stories/PDFs/desafios004\\_completa.pdf](http://desafios.ipea.gov.br/images/stories/PDFs/desafios004_completa.pdf)>. Acesso em: 1 jun. 2014

**APÊNDICE A – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento nominal mensal, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen - 2010**

| Classes de rendimento nominal mensal (salário mínimo) (1) |                |                  |                  |                |                |                    |                  |
|---|----------------|------------------|------------------|----------------|----------------|--------------------|------------------|
| Municípios  | Até 1/2        | Mais de 1/2 a 2  | Mais de 2 a 5    | Mais de 5 a 10 | Mais de 10     | Sem rendimento (2) | Total (3)        |
| Alpestre  | 1.132          | 3.555            | 480              | 90             | 28             | 1.811              | 7.096            |
| Ametista do Sul   | 805            | 3.100            | 412              | 68             | 22             | 1.822              | 6.229            |
| Caiçara   | 499            | 2.081            | 510              | 122            | 35             | 1.247              | 4.494            |
| Constantina   | 396            | 4.141            | 858              | 221            | 79             | 2.859              | 8.554            |
| Cristal do Sul  | 528            | 1.153            | 133              | 9              | 4              | 618                | 2.445            |
| Dois Irmãos das Missões                                   | 185            | 783              | 136              | 22             | 14             | 716                | 1.856            |
| Engenho Velho   | 106            | 539              | 196              | 43             | 13             | 395                | 1.292            |
| Erval Seco  | 921            | 3.079            | 518              | 70             | 32             | 2.148              | 6.768            |
| Frederico Westphalen                                      | 1.287          | 12.043           | 3.716            | 1.109          | 374            | 6.779              | 25.308           |
| Gramado dos Loureiros                                     | 195            | 955              | 141              | 29             | 9              | 623                | 1.952            |
| Iraí  | 711            | 3.187            | 564              | 164            | 44             | 2.342              | 7.012            |
| Liberato Salzano  | 653            | 2.637            | 374              | 74             | 20             | 1.299              | 5.057            |
| Nonoai  | 845            | 4.897            | 1.091            | 257            | 67             | 3.233              | 10.390           |
| Novo Tiradentes   | 334            | 1.092            | 165              | 19             | 3              | 386                | 1.999            |
| Novo Xingu  | 116            | 853              | 221              | 61             | 8              | 324                | 1.583            |
| Palmitinho  | 583            | 3.001            | 587              | 128            | 28             | 1.763              | 6.090            |
| Pinheirinho do Vale                                       | 364            | 1.823            | 272              | 72             | 51             | 1.315              | 3.897            |
| Planalto  | 1.277          | 4.458            | 683              | 135            | 32             | 2.623              | 9.208            |
| Rio dos Índios  | 507            | 1.443            | 150              | 37             | 22             | 1.045              | 3.204            |
| Rodeio Bonito   | 511            | 2.632            | 670              | 141            | 60             | 989                | 5.003            |
| Rondinha  | 233            | 2.348            | 702              | 216            | 85             | 1.384              | 4.968            |
| Seberi  | 1.225          | 4.644            | 813              | 170            | 65             | 2.605              | 9.522            |
| Taquaruçu do Sul  | 186            | 1.273            | 304              | 83             | 31             | 767                | 2.644            |
| Três Palmeiras  | 482            | 1.927            | 313              | 80             | 49             | 981                | 3.832            |
| Trindade do Sul   | 601            | 2.352            | 381              | 76             | 25             | 1.605              | 5.040            |
| Vicente Dutra   | 526            | 1.916            | 253              | 47             | 7              | 1.752              | 4.501            |
| Vista Alegre  | 201            | 1.039            | 296              | 82             | 46             | 835                | 2.499            |
| <b>Total</b>  | <b>15.409</b>  | <b>72.951</b>    | <b>14.939</b>    | <b>3.625</b>   | <b>1.253</b>   | <b>44.266</b>      | <b>152.443</b>   |
| <b>Rio Grande do Sul</b>                                  | <b>362.342</b> | <b>4.252.766</b> | <b>1.429.729</b> | <b>413.060</b> | <b>172.622</b> | <b>2.694.234</b>   | <b>9.324.753</b> |

Fonte: Elaboração própria com base dos dados do IBGE (2010)

(1) Salário mínimo utilizado: R\$ 510,00. (2) Inclusive as pessoas que recebiam somente em benefícios. (3) Inclusive as pessoas sem declaração de rendimento nominal mensal.

**APÊNDICE B – Taxa de alfabetização (em %) das pessoas de 5 anos ou mais de idade, por grupos de idade, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen - 2010**

| Municípios               | 5 a 9 anos  | 10 a 14 anos | 15 a 19 anos | 20 a 29 anos | 30 a 39 anos | 40 a 49 anos | 50 a 59 anos | 60 anos ou mais | Total       |
|--------------------------|-------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-----------------|-------------|
| Alpestre                 | 75,4        | 97,7         | 98,4         | 97,8         | 95,2         | 92,1         | 83,8         | 66,6            | 87,4        |
| Ametista do Sul          | 68,2        | 97,5         | 98,4         | 98,7         | 95,8         | 90,9         | 82,9         | 60,3            | 87,7        |
| Caiçara                  | 72,9        | 98,8         | 99,1         | 98,4         | 96,9         | 95,9         | 91,9         | 78,7            | 91,6        |
| Constantina              | 79,0        | 98,1         | 99,3         | 98,4         | 95,5         | 93,7         | 91,1         | 76,7            | 91,4        |
| Cristal do Sul           | 76,7        | 98,7         | 99,1         | 98,7         | 96,2         | 91,7         | 84,2         | 65,9            | 88,0        |
| Dois Irmãos das Missões  | 80,1        | 95,1         | 97,8         | 98,1         | 93,9         | 86,5         | 81,8         | 72,0            | 87,9        |
| Engenho Velho            | 83,1        | 98,8         | 100,0        | 97,4         | 92,6         | 94,1         | 83,4         | 71,8            | 89,9        |
| Erval Seco               | 74,6        | 96,7         | 97,2         | 96,2         | 93,7         | 90,1         | 85,7         | 72,9            | 88,0        |
| Frederico Westphalen     | 75,9        | 99,4         | 99,5         | 99,1         | 97,4         | 96,9         | 93,7         | 85,2            | 94,4        |
| Gramado dos Loureiros    | 78,5        | 99,1         | 98,3         | 97,8         | 94,8         | 90,9         | 85,4         | 64,1            | 87,7        |
| Iraí                     | 74,7        | 97,8         | 98,4         | 97,2         | 95,1         | 93,1         | 88,6         | 77,5            | 89,9        |
| Liberato Salzano         | 78,2        | 98,7         | 98,4         | 97,7         | 92,1         | 89,8         | 86,2         | 67,1            | 87,6        |
| Nonoai                   | 76,6        | 98,6         | 98,6         | 97,3         | 93,8         | 90,8         | 86,6         | 69,9            | 89,0        |
| Novo Tiradentes          | 76,0        | 98,5         | 99,5         | 98,9         | 94,0         | 89,9         | 81,8         | 56,3            | 85,3        |
| Novo Xingu               | 81,7        | 98,3         | 100,0        | 97,5         | 98,2         | 95,6         | 92,5         | 87,6            | 94,0        |
| Palmitinho               | 75,2        | 98,4         | 99,1         | 97,2         | 95,5         | 94,6         | 89,6         | 73,1            | 90,6        |
| Pinheirinho do Vale      | 65,8        | 97,5         | 97,0         | 97,9         | 95,1         | 90,7         | 85,8         | 71,4            | 88,5        |
| Planalto                 | 78,6        | 98,5         | 99,3         | 97,3         | 93,5         | 91,9         | 85,6         | 70,4            | 88,9        |
| Rio dos Índios           | 79,0        | 99,7         | 98,8         | 97,2         | 92,1         | 89,1         | 86,2         | 61,4            | 86,2        |
| Rodeio Bonito            | 70,8        | 97,7         | 99,4         | 99,0         | 97,2         | 94,8         | 89,7         | 75,2            | 90,9        |
| Rondinha                 | 89,6        | 98,7         | 99,3         | 99,3         | 98,0         | 97,2         | 96,2         | 89,7            | 95,6        |
| Seberi                   | 74,8        | 98,5         | 99,0         | 98,9         | 97,2         | 94,7         | 89,4         | 77,8            | 91,4        |
| Taquaruçu do Sul         | 70,2        | 97,6         | 98,8         | 97,2         | 95,8         | 94,6         | 91,4         | 76,9            | 90,7        |
| Três Palmeiras           | 75,9        | 98,2         | 98,5         | 98,0         | 92,0         | 90,2         | 88,3         | 74,0            | 88,9        |
| Trindade do Sul          | 81,7        | 99,0         | 99,8         | 98,7         | 94,2         | 91,6         | 87,5         | 66,9            | 89,1        |
| Vicente Dutra            | 75,5        | 96,7         | 98,5         | 97,6         | 95,0         | 91,7         | 83,9         | 71,8            | 88,6        |
| Vista Alegre             | 73,4        | 98,4         | 99,6         | 98,7         | 95,9         | 95,5         | 92,1         | 78,6            | 92,0        |
| <b>Total</b>             | <b>75,9</b> | <b>98,3</b>  | <b>98,9</b>  | <b>98,1</b>  | <b>95,5</b>  | <b>93,2</b>  | <b>88,6</b>  | <b>74,5</b>     | <b>90,4</b> |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>72,1</b> | <b>98,5</b>  | <b>99,0</b>  | <b>98,9</b>  | <b>97,8</b>  | <b>96,7</b>  | <b>94,4</b>  | <b>86,5</b>     | <b>94,1</b> |

Fonte: Elaboração própria com base dos dados do IBGE (2010)

**APÊNDICE C - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, segundo os municípios da microrregião de Frederico Westphalen - 2000 e 2010**

| Municípios               | IDHM Renda   |              | IDHM Longevidade |              | IDHM Educação |              |
|--------------------------|--------------|--------------|------------------|--------------|---------------|--------------|
|                          | 2000         | 2010         | 2000             | 2010         | 2000          | 2010         |
| Alpestre                 | 0,564        | 0,700        | 0,769            | 0,795        | 0,332         | 0,543        |
| Ametista do Sul          | 0,627        | 0,697        | 0,723            | 0,809        | 0,346         | 0,562        |
| Caiçara                  | 0,635        | 0,721        | 0,794            | 0,817        | 0,454         | 0,580        |
| Constantina              | 0,653        | 0,726        | 0,830            | 0,885        | 0,461         | 0,668        |
| Cristal do Sul           | 0,489        | 0,641        | 0,775            | 0,826        | 0,362         | 0,542        |
| Dois Irmãos das Missões  | 0,588        | 0,646        | 0,703            | 0,797        | 0,423         | 0,585        |
| Engenho Velho            | 0,595        | 0,735        | 0,748            | 0,821        | 0,340         | 0,611        |
| Erval Seco               | 0,571        | 0,666        | 0,757            | 0,821        | 0,360         | 0,589        |
| Frederico Westphalen     | 0,689        | 0,754        | 0,813            | 0,846        | 0,569         | 0,688        |
| Gramado dos Loureiros    | 0,579        | 0,662        | 0,737            | 0,832        | 0,442         | 0,584        |
| Iraí                     | 0,662        | 0,684        | 0,790            | 0,819        | 0,403         | 0,590        |
| Liberato Salzano         | 0,574        | 0,680        | 0,737            | 0,810        | 0,334         | 0,583        |
| Nonoai                   | 0,628        | 0,703        | 0,775            | 0,833        | 0,409         | 0,591        |
| Novo Tiradentes          | 0,529        | 0,679        | 0,757            | 0,805        | 0,389         | 0,566        |
| Novo Xingu               | 0,611        | 0,749        | 0,803            | 0,850        | 0,408         | 0,708        |
| Palmitinho               | 0,635        | 0,707        | 0,772            | 0,836        | 0,474         | 0,632        |
| Pinheirinho do Vale      | 0,577        | 0,713        | 0,748            | 0,828        | 0,345         | 0,607        |
| Planalto                 | 0,617        | 0,674        | 0,737            | 0,807        | 0,444         | 0,597        |
| Rio dos Índios           | 0,559        | 0,645        | 0,776            | 0,804        | 0,309         | 0,545        |
| Rodeio Bonito            | 0,667        | 0,733        | 0,793            | 0,842        | 0,501         | 0,636        |
| Rondinha                 | 0,682        | 0,780        | 0,796            | 0,842        | 0,506         | 0,678        |
| Seberi                   | 0,619        | 0,706        | 0,794            | 0,865        | 0,433         | 0,620        |
| Taquaruçu do Sul         | 0,607        | 0,768        | 0,794            | 0,830        | 0,421         | 0,633        |
| Três Palmeiras           | 0,653        | 0,747        | 0,793            | 0,832        | 0,405         | 0,560        |
| Trindade do Sul          | 0,568        | 0,675        | 0,769            | 0,787        | 0,405         | 0,610        |
| Vicente Dutra            | 0,550        | 0,656        | 0,757            | 0,809        | 0,281         | 0,489        |
| Vista Alegre             | 0,613        | 0,760        | 0,803            | 0,842        | 0,514         | 0,631        |
| <b>Média</b>             | <b>0,605</b> | <b>0,704</b> | <b>0,772</b>     | <b>0,826</b> | <b>0,410</b>  | <b>0,601</b> |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | <b>0,720</b> | <b>0,769</b> | <b>0,804</b>     | <b>0,840</b> | <b>0,505</b>  | <b>0,642</b> |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do PNUD; IPEA; FJP (2013)